

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)**

ADILMA SAMPAIO DE OLIVEIRA VIEIRA

***NÓS E A GENTE*: UM ESTUDO SOBRE A SINTAXE DO PORTUGUÊS
BRASILEIRO**

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2014

ADILMA SAMPAIO DE OLIVEIRA VIEIRA

***NÓS E A GENTE: UM ESTUDO SOBRE A SINTAXE DO PORTUGUÊS
BRASILEIRO***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Descrição e Análise de Línguas Naturais

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristiane Namiuti Temponi

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2014

Vieira, Adilma Sampaio de Oliveira.

V713n Nós e a gente: um estudo sobre a sintaxe do português brasileiro / Adilma Sampaio de Oliveira Vieira, 2014.
75f.: il. ; algumas col.

Orientador (a): Cristiane Namiuti Temponi.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-graduação em Linguística, Vitória da Conquista, 2014.
Referências: f. 72-75.

1. Português brasileiro – Gramática gerativa. 2. Variação linguística (Nós e a gente). I. Temponi, Cristiane Namiuti. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística. III.T.

CDD: 469.5

Catálogo na fonte: Elinei Carvalho Santana - CRB 5/1026
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: *Nós and a gente*: study of the Brazilian Portuguese syntax.

Palavras-chave em inglês: A gente.Nós.Generative Grammar.Variation Linguistics.Grammars Competition.

Área de concentração:Linguística

Titulação: Mestre em Linguística

Banca examinadora: Profa. Dra. Cristiane Namiuti Temponi (Presidente-Orientadora); Profa. Dra. Adriana Stella Cardoso Lessa de Oliveira (UESB); Profa. Dra. Sílvia Regina de Oliveira Cavalcante (UFRJ)

Data da defesa: 24 de fevereiro de 2014.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística

ADILMA SAMPAIO DE OLIVEIRA VIEIRA

***NÓS E A GENTE: UM ESTUDO SOBRE A SINTAXE DO PORTUGUÊS
BRASILEIRO***

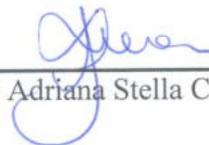
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Data da aprovação: 24 de fevereiro de 2014.

BANCA EXAMINADORA



Prof^ª. Dr^ª. Cristiane Namiuti Temponi (UESB)
(Orientadora)



Prof^ª. Dr^ª Adriana Stella Cardoso Lessa de Oliveira (UESB)



Prof^ª. Dr^ª. Silvia Regina de Oliveira Cavalcante (UFRJ)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pai todo poderoso, responsável maior pelo nosso sucesso,
Ao meu esposo, Pablo Vieira, cujo apoio, incentivo e compreensão foram de suma importância,

Aos meus familiares e amigos, que compartilharam desse momento comigo, sempre confiantes no meu êxito,

À Professora Dr^a Cristiane Namiuti, que me abriu as portas para um novo conhecimento, sempre cuidadosa e disposta a ajudar,

Aos membros da banca, Prof.^a Dr.^a Sílvia Cavalcante, Prof.^a Dr.^a Adriana de Oliveira e Prof. Dr. Marco Antônio Martins, pelas considerações construtivas ao meu trabalho,

Ao Professor Jorge Viana, por todo o auxílio e incentivo,

Aos membros do LAPELINC, em especial Eloísa e João, sempre prestativos,

À CAPES, pelo apoio,

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Agradeço também aos meus colegas de curso e demais pessoas que torceram por mim.

Muito Obrigada!

RESUMO

Estudamos a variação nós>a gente, numa perspectiva gerativista, na tentativa de entender se esse fenômeno reflete uma variação estável ou uma mudança linguística, partindo da hipótese de que essas formas coexistem em uma mesma gramática, visto que os falantes continuam adquirindo as duas construções. Buscamos enxergar na já bastante descrita variação algo novo e, para tanto, revisitamos os estudos sobre a gramaticalização do “a gente” e sobre as características do(s) paradigma(s) pronomina(l/is) no Português Brasileiro. A modelagem dos dados e reflexões apresentadas estão embasadas nos postulados Teóricos da Gramática Gerativa para a mudança linguística. O nosso banco de dados de Fala Popular de Vitória da Conquista (FPVC) abarca 12 informantes, com o total de 818 amostras de nós/a gente. Verificamos uma incidência muito grande do uso de “nós” concordando com Ø, o que nos faz pressupor que o uso de “nós” e “a gente” está no contexto de um sistema gramatical cuja tendência é não marcar redundantemente a concordância de número, não havendo, nesse contexto, competição de formas pronominais pertencentes a sistemas diferentes. Sendo assim, entendemos que a variação entre as duas formas (nós/a gente) na FPVC não representa o reflexo de competição de gramáticas, nos termos de Kroch (1994), mas o uso de formas pronominais pertencentes a uma mesma gramática.

PALAVRAS-CHAVE

A gente. Nós. Gerativismo. Variação Linguística. Competição de Gramáticas

ABSTRACT

We study the variation “nós” > “a gente” (alternatives to the first person plural pronoun – “we” in a generative perspective, trying to understand whether this phenomenon reflects a stable variation or a language change, on the assumption that these forms coexist in the same grammar, since the speakers are still acquiring the two buildings. We seek to see in the already well-described variation something new, and, therefore, revisit the studies on grammaticalization of "a gente" and studying the characteristics of pronominal paradigm in Brazilian Portuguese. The modeling of the presented data and reflections are based in the Theory of Generative Grammar postulates for linguistic change. Our database is formed from 12 informants, who speak a Popular Variant of Portuguese – Popular Speech of Vitória da Conquista (PSVC) - with 818 occurrences of “nós” e “a gente”. We found a very high incidence of the use of "nós" agreeing with \emptyset , which makes us assume that the use of "nós" and "a gente" is in the context of a grammatical system that tends to not score redundantly agreement number, there are, in this context, competition pronoun forms belonging to different systems. Therefore, we believe that the variation between the two forms (nós / a gente) in (PSVC) is not the reflection of grammar competition in terms of Kroch (1994), but the use of pronominal forms pertentes to the same grammar.

KEY-WORDS

A gente. Nós. Generative Grammar. Variation Linguistics. Grammars Competition

LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS UTILIZADOS

Agr	– morfema de concordância
DP	– Determinant Phase (sintagma determinante)
ECM	– marcação excepcional de Caso
FEM-SG	– feminino singular
FEM-PL	– feminino plural
FPVC	– Fala Popular de Vitória da Conquista
GPEL	– Grupo de Pesquisa em Estudos Linguísticos
GU	– gramática universal
LAPELINC	– Laboratório de Pesquisa e Estudo em Linguística de Corpus
Língua-E	– língua externa
LF	– Logic Form (Forma Lógica)
Língua-I	– língua interna
MASC-SG	– masculino singular
MASC-PL	– masculino plural
NTRO-SG	– neutro singular
NP	– Nominal Phase (sintagma nominal)
NURC	– Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro
PB	– Português Brasileiro
PE	– Português Europeu
PF	– Phonetic Form (Forma Fonética)
PN	– pessoa-número
PP	– Preposition Phase (sintagma preposicional)
P3	– terceira pessoa pronominal
P4	– quarta pessoa pronominal
P6	– sexta pessoa pronominal
SN	– sintagma nominal
T	– morfema indicador de tempo
TMA	– tempo-modo-aspecto
UESB	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UNICAMP	– Universidade Estadual de Campinas
V	– verbo
[ØEU]	– categoria vazia de 1ª pessoa do singular
[+EU]	– presença da 1ª pessoa do singular
[+fem]	– marcação positiva do gênero formal
Ø	– categoria vazia
[π]	– traço semântico para a categoria pessoa
[ω]	– traço semântico para a categoria número
Φ	– traços de número e pessoa

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 COMO INTERPRETAR A VARIAÇÃO?	12
2.1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS GERATIVISTAS	12
3 REVISITANDO A HISTÓRIA DE “GENTE” PARA “A GENTE”	20
3.1 DE NOME A PRONOME	20
3.2 “A GENTE” VERSUS “NÓS”	23
4 O QUE VEM PRIMEIRO: O OVO OU A GALINHA?	28
4.1 A FLEXÃO BRASILEIRA E SEUS EFEITOS	28
4.2 O PAPEL DA CONCORDÂNCIA	29
5 CORPUS E METODOLOGIA	33
5.1 O CORPUS DA PESQUISA	33
5.2 O BANCO DE DADOS - FPVC	34
5.3 FATORES LINGUÍSTICOS CONDICIONANTES AO USO DA PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL – POSIÇÃO SUJEITO	36
5.3.1 Explicitude do Sujeito	37
5.3.2 Tipo de verbo	38
5.3.3 Tipo de predicado	38
5.3.4 Tempo verbal	39
5.3.5 Modo verbal	40
5.3.6 Flexão verbal	40
5.3.7 Saliência fônica	41
5.3.8 Controle de referente	43
6 “NÓS” E “A GENTE” NA FALA POPULAR DE VITÓRIA DA CONQUISTA	48
6.1 POSIÇÕES SINTÁTICAS EM QUE O PRONOME “A GENTE” OCORRE.	48
6.1.1 A Posição Sujeito	50
6.2 “NÓS” E “A GENTE” EM ESTRUTURAS PREDICATIVAS	66
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS	72

1 INTRODUÇÃO

A inserção de “a gente” no paradigma pronominal do Português Brasileiro (PB) tem atraído a atenção de vários autores (OMENA, 1986; DUARTE, 1996; LOPES, 1996, 1998, 1999, 2002, 2004) que se propuseram a investigar não só a sua gramaticalização, mas também a possibilidade de essa nova forma pronominal vir a substituir a forma mais antiga “nós”, na primeira pessoa do plural; variação caracterizada pela literatura atual como “mudança em curso”.

As pesquisas na área da sociolinguística paramétrica procuram mostrar que a mudança linguística decorrente da gramaticalização de “a gente”, pronominalizando o substantivo “gente”, afetou o sistema pronominal do PB em alguns de seus traços mais abstratos, desencadeando uma suposta disputa entre as formas “nós” e “a gente” para ocupar a posição de primeira pessoa do plural. Ao revisitarmos os dados e a pesquisa de vários autores, resenhados nesta dissertação, e observarmos a fala popular de Vitória da Conquista, tanto o uso de “nós” quanto o uso de “a gente” nos pareceram bastante estáveis na língua do Brasil. Esta constatação nos despertou a dúvida sobre a natureza da variação encontrada no uso destas formas pronominais. Logo, decidimos investigar o já conhecido sob uma nova perspectiva, apoiada no quadro teórico da Gramática Gerativa e nas considerações sobre a variação e a mudança linguística de Kroch (1989a, 1989b, 1994, 2001). A primeira questão que colocamos, veio da dúvida despertada, interrogando, assim, a natureza da variação no uso dos pronomes “nós” e “a gente”. Esta primeira questão relaciona-se com uma segunda que argui se “nós” e “a gente” são de fato formas pronominais em competição, com a previsão de que a forma inovadora “a gente” irá substituir a forma “nós” em analogia ao que aconteceu com a forma “vós”, hoje extinta do sistema pronominal do PB. Defendemos a hipótese de que ambos os pronomes de primeira pessoa plural (“nós” e “a gente”) integram o sistema vernacular de pronomes do PB, e isto implica dizer que tais formas pronominais convivem entre si numa mesma gramática e não competem no sistema.

A proposta, aqui defendida, não se aplica aos casos claros de competição gerada pelo confronto entre um vernáculo brasileiro e um vernáculo europeu, por vezes refletido em um português culto do Brasil. Tratam-se de conclusões provenientes da observação e da análise de dados de fala popular que convergem para a defesa da existência de um pronome “nós” no paradigma de pronomes do vernáculo brasileiro, caracterizado por um paradigma flexional e um sistema de concordância distinto do Português Europeu (doravante PE).

Ao especular as características gramaticais do PB que o afastam do PE é possível propor que o reflexo da mudança gramatical não está simplesmente relacionado à oposição de um sistema composto por 6 pessoas gramaticais – que gera “*nós vamos*”, em face a uma oposição dual (P4/P3) que gera “*a gente vai*” – mas a uma competição entre um sistema inovador que possui pronomes “*nós*” e “*a gente*” **α** **marcados para Caso**, que gera sentenças como: *Nóis/A gente vai*; *Ele entregou a carta pra gente/nóis*, **versus** um sistema de pronomes conservador, característico do Português Europeu, com “*nós*” e “*a gente*”, marcados como nominativos na primeira **pessoa do plural**, e que gera sentenças como: *Nós/A gente vamos*; *Ele nos entregou a carta*. Um fato que corrobora essa hipótese é que no PB, as tradicionalmente chamadas “formas nominativas” dos pronomes são também representantes oblíquos, sem nenhuma marginalidade em sua aceitação. Assim, não há uma correspondência unívoca entre uma forma pronominal e uma única função casual, como esperado para o português europeu. Especulamos ainda que a alteração no sistema deve estar associada ao enfraquecimento de Agr, retomando a proposta seminal de Galves (1993).

Para argumentar a favor da hipótese aqui defendida, discorreremos sobre trabalhos importantes que discutem as características do PB, principalmente no que diz respeito aos pronomes e aos fenômenos associados a esta categoria gramatical, ancorando-nos nos pressupostos gerativistas que ditam a modelagem dos dados e as hipóteses de mudança.

Partindo desse quadro teórico, comprovar que a variação nós/a gente é reflexo de uma mudança no paradigma pronominal está longe de ser uma tarefa simples. Questiona-se aqui a natureza da variação nós/a gente, por se julgar que não há, nos trabalhos anteriores, elementos suficientes para afirmar que “nós” e “a gente” são formas em competição, mais especificamente, a gramaticalização de “a gente” como pronome de 1ª pessoa do plural não parece desencadear uma substituição da forma “nós” no sistema pronominal do PB, observando-se apenas uma especificação das formas no uso.

A análise de trabalhos já desenvolvidos acerca do fenômeno nós/a gente e os resultados dos nossos dados de fala revelam a existência de ambientes linguísticos favoráveis ao uso de uma ou outra forma, demonstrando um convívio entre elas. Sua variação no uso parece refletir um sistema cuja principal característica é definir os traços do referente e, para argumentar a favor dessa hipótese, precisamos considerar um aspecto importante do PB que nos servirá de base para a reflexão que queremos desenvolver aqui, a respeito da gramática da língua que permite um sistema pronominal com duas formas para P4: a não obrigatoriedade da concordância de número. Os falantes não costumam marcar de maneira redundante os

traços de número e isso poderia justificar o grande aumento do uso de “nós” + morfemaØ, no PB.

Assim, o trabalho, aqui desenvolvido, inicia-se com um breve embasamento teórico a respeito de *Como Interpretar a Variação* (Cap. I), esclarecendo sobre os Pressupostos Teóricos Gerativistas e sobre os conceitos relativos à Mudança Linguística na Gramática Gerativa. O capítulo II *Revisitando a História de ‘gente’ para ‘a gente’* apresenta uma pequena visualização histórica do processo de gramaticalização do “a gente”, pautada nos trabalhos de Lopes (1998, 1999, 2002, 2004), seguida de uma explanação sobre a variação “a gente” X “nós”. O capítulo III *O Que Vem Primeiro: o Ovo ou a Galinha?* propicia uma discussão acerca da Flexão Brasileira e seus efeitos e do papel da Concordância no PB. Em *Corpus e Metodologia* (Cap. IV), apresentamos O *corpus* da pesquisa, a Fala Popular de Vitória da Conquista – Ba (FPVC), referenciando os passos para a sua construção (coleta e transcrição) e para a construção do banco de dados em Excel, onde constam fatores relevantes para a descrição e a análise dos dados. Recusamos o programa estatístico-computacional de dados linguísticos GOLDVARB, para a obtenção dos valores percentuais das variáveis consideradas. Em seguida, expusemos alguns possíveis Fatores Linguísticos Condicionantes ao Uso da Primeira Pessoa do Plural – Posição Sujeito – para que seja verificada, em cada fator, a sua relevância na alternância *nós/a gente*. No último capítulo (Cap. V) *‘Nós’ e ‘A gente’ na Fala Popular de Vitória da Conquista*, elencamos, inicialmente, as posições sintáticas em que o pronome “a gente” ocorre, evidenciando a posição sujeito. Em seguida, trazemos os nossos resultados de pesquisa referentes ao fenômeno de variação “nós” e “a gente”, bem como a análise desse fenômeno em estruturas predicativas, confrontando os nossos dados com o trabalho de Vianna e Lopes (2003). Concluímos o trabalho com as *Considerações Finais*, as *Referências* e os *Anexos*.

2 COMO INTERPRETAR A VARIACÃO?

O presente capítulo destina-se a apresentar os pressupostos teóricos que fundamentam esta pesquisa e ampliam nosso olhar sobre os dados. A variação no uso de formas e de estruturas gramaticais é bastante comum nas línguas, porém, pode refletir diferentes causas. A teoria da Gramática Gerativa, da qual nos apropriamos para nortear nossos estudos, nos dá as ferramentas para interpretarmos a natureza da variação.

2.1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS GERATIVISTAS

A Teoria Gerativa, formulada por Chomsky na década de 60, tenta explicar de que maneira o conhecimento linguístico é formado na mente de um falante, partindo do pressuposto da existência de uma Faculdade da Linguagem que contempla uma Gramática Universal (GU) no módulo cognitivo específico para o desenvolvimento da linguagem humana.

Os estudos iniciais de Noam Chomsky ficaram voltados para o nível descritivo das línguas humanas, sem preocupação em limitar o grande número de gramáticas permitidas pela teoria. A chamada Teoria Padrão (CHOMSKY, 1965) constituía-se de regras gramaticais, sem que houvesse qualquer mecanismo que restringisse alguma regra; a criança, em fase de aquisição, deveria construir hipóteses sobre as regras da sua língua e descartar aquelas que não fossem compatíveis com os dados gramaticais que lhe eram expostos. A permissividade de grande variedade de gramáticas e seu enorme poder expressivo fez com que esse modelo fosse abandonado.

Surgia, então, a Teoria Padrão Estendida, cuja tentativa era o aumento da sua capacidade explicativa. Dessa forma, algumas regras, comuns a todas as línguas, foram classificadas como princípios gerais da linguagem, reduzindo a inúmera variedade desse sistema de regras. Ainda assim, a criança continuaria criando hipóteses sobre as regras de sua língua, mas em número reduzido, o que facilitaria no processo de aquisição.

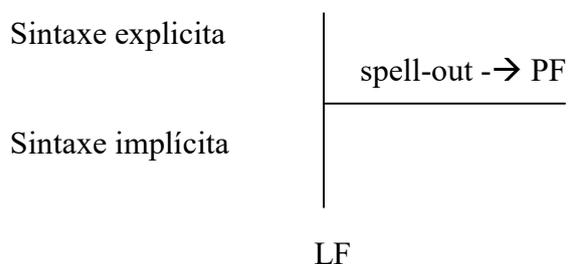
Somente em 1981, Chomsky propôs a Teoria de Princípios e Parâmetros, inicialmente bastante amalgamado aos resultados da Teoria Padrão Estendida, mas com uma tendência cada vez maior de eliminar as regras. A GU passaria a refletir a organização da mente humana e não as regularidades entre as línguas, como antes. Partia-se de um modelo composto por regras e princípios a um modelo puramente constituído por princípios. A Teoria Princípios e

Parâmetros estipula os princípios universais invariáveis e os parâmetros, que são princípios abertos, responsáveis pela variação entre as gramáticas. Assim, os modelos Teóricos do programa Gerativista dos finais do século XX e século XXI são caracterizados por postular a organização da GU em princípios imutáveis e parâmetros que podem ser fixados diferentemente em gramáticas particulares. Essa teoria desenvolveu importantes estudos linguísticos no que diz respeito às gramáticas de línguas particulares, ao estudo comparativo entre as línguas e, principalmente, ao processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem na criança. Buscou-se conciliar adequação descritiva e adequação explicativa, na tentativa de abarcar tanto as diversidades existentes entre as diferentes línguas, quanto a rigidez precisa para explicar as propriedades peculiares ao estágio estável da gramática particular, o que possibilitou não só a descrição das línguas, como também a explicação do seu funcionamento, criando um espaço frutífero para o desenvolvimento do estudo da mudança diacrônica.

Em 1995, Chomsky lança o Programa Minimalista (cf. CHOMSKY 1995, 2000), que versa a noção de “economia”, e os parâmetros passam a ser vistos como propriedades de núcleos gramaticais disponíveis no léxico de cada língua. Assim, Chomsky (1995, 2000) afirma que a gramática de uma língua (Língua-I) apresenta um léxico, entendido como o conjunto de matrizes de traços fonológicos, sintáticos e semânticos de itens lexicais e funcionais; um sistema computacional; e dois níveis de representação: Forma Lógica (LF, do inglês *Logic Form*) e Forma Fonética (PF, do inglês *Phonetic Form*), cujas interfaces se dão com os sistemas conceptual-intencional e articulatorio-perceptual, respectivamente:

Figura 1– Modelo de gramática do Programa Minimalista

Léxico / Sistema computacional \diamond Dicionário mental/ Numeração



Fonte: (CHOMSKY 1995, 2000).

A derivação sintática acontece quando as operações sintáticas Selecionar (*Select*), Concatenar¹ (*Merge*) e Mover (*Move*)², que combinam recursivamente os elementos do

¹ Raposo (1995, p. 315) traduziu o termo *merger* por *compor*. Outras traduções também aparecem no referencial teórico em língua portuguesa: *conectar*, *concatenar* e *juntar* são opções de tradução verificadas nas produções.

léxico, formando uma estrutura hierárquica, atuam sobre os itens lexicais. A operação concatenar é mais “econômica” do que a operação mover, o que resulta na existência de princípios, pertencentes a qualquer língua natural, responsáveis por regular a atuação de operações de movimento mais custosas à gramática, como o menor esforço, o movimento mais curto, o último recurso e a procrastinação, cujo movimento acontece depois de Spell-out, na Forma Lógica. Esses princípios poderiam explicar a diferença entre as línguas e essa nova abordagem permitiria a redução das diferenças entre as línguas às propriedades dos núcleos funcionais. A Teoria Gerativa considera, pois, como objeto dos estudos linguísticos a gramática, ou seja, as possibilidades de se gerarem estruturas; possibilidades estas, limitadas por uma Gramática Universal (GU), que constitui parte das faculdades inatas humanas. Esta gramática consiste em uma entidade individual, fruto da interação entre os princípios da GU e a experiência linguística do falante, assim como afirma Lightfoot (1999) “*Language emerges through an interaction between our genetic inheritance and the linguistic environment.*” (LIGHTFOOT, 1999, p. 52).

Os estudos gerativistas procuram investigar, então, como os dados da língua podem refletir alterações no plano das gramáticas. Segundo Chomsky (1979), os limites da variação são fixados por parâmetros, que podem ser diferentes entre as gramáticas particulares de cada falante – resultado da interação entre princípios universais e experiência linguística. Sendo assim, a criança, na emergência de sua gramática, pode marcar valores paramétricos diferentes da Língua-I³ de seus pais, justificando as variações entre as línguas, ou numa mesma língua, e até mesmo as mudanças linguísticas.

2.2 MUDANÇA LINGUÍSTICA NA GRAMÁTICA GERATIVA

Na década de 50 (séc. XX), as investigações gerativistas não problematizavam a variação, uma vez que priorizavam somente a análise de experimentos, por meio de indução, em busca de julgamentos de gramaticalidade a agramaticalidade, com o fim de estabelecer generalizações de propriedades que geram um determinado sistema. Partia-se da comparação

² A operação *mover* é composta por quatro sub-operações: (i) copiar; (ii) conectar; (iii) formar cadeia; e (iv) apagar vestígio.

³ Na teoria gerativa, o que permite o falante decidir sobre uma sentença ser gramatical ou não é sua Competência Linguística, ou seja, o conhecimento internalizado que ele tem da gramática de sua língua. Esse sistema linguístico internalizado na mente/cérebro do falante nativo chama-se Língua-I e se opõe à Língua-E, que está mais ligada ao Desempenho (performance), que é o uso real que esse falante faz desse conhecimento. Segundo Chomsky, o estudo da Competência deve preceder o estudo da performance, pois para se elaborar modelos da performance é preciso conhecermos fatores que condicionam a performance e um deles é a competência linguística.

de vários estudos sincrônicos da língua na tentativa de compreender as semelhanças e diferenças entre as línguas para se inferir sobre os princípios gerais da Gramática Universal e sobre os parâmetros particulares das gramáticas internalizadas. Quanto aos estudos diacrônicos, estes ficaram de fora dos interesses gerativistas em um primeiro momento e as poucas pesquisas em linguística histórica, neste quadro, compreendiam “sincronias em contraste”, seguindo a prática estruturalista pós-saussuriana, que não considera o fator histórico da passagem do tempo, ou seja, a dinamicidade da mudança (PAIXÃO DE SOUSA 2006, p. 22).

Todavia, nos finais dos anos 80 (século XX), os estudiosos da Gramática Gerativa começam a reconhecer a importância de investigar a mudança linguística em seu plano dinâmico e processual, como objeto de compreensão dos fenômenos de aquisição da linguagem, lançando-se a um novo desafio: interpretar teoricamente os dados da língua e tentar entender como esses dados podem refletir alterações no plano das gramáticas.

Ao se pensar em mudança linguística na vertente gerativista, faz-se necessário, portanto, modelar a variação existente no uso das formas para sustentar uma hipótese de mudança. Sendo a mudança gramatical o resultado de uma mudança paramétrica, que gera uma gramática distinta da gramática da geração anterior, por necessidade teórica, a mudança gramatical deve ser abrupta, no momento da aquisição da linguagem pela criança, e afetar a gramática como um todo e não apenas uma determinada construção.

Nessa perspectiva, “a gramática de uma língua é um objeto mental: o saber linguístico dos falantes que têm essa língua como língua materna, desenvolvido no processo natural de aquisição” (GALVES; FERNANDES, 2006, p. 88). Trata-se, portanto, da Língua-I existente na mente de cada indivíduo. Ao ser exposta ao meio, a criança se depara com diferentes enunciados produzidos, que constituem a sua língua externa – Língua-E; produto exteriorizado através das variadas situações de uso. A variação, por sua vez, trata-se de um fenômeno da Língua-E, podendo também refletir diferentes situações subjacentes ao uso. (GALVES; FERNANDES, 2006, p. 97).

A partir dos anos 90 (séc. XX), os gerativistas, buscando conhecer as condições para a aquisição em cada geração de falantes, começaram a considerar abordagens quantitativas, o que os aproximaram da linha sócio-variacionista (PAIXÃO DE SOUSA, 2006, p.26). Bachmann et al. (1981) afirmam que a Sociolinguística somente se constitui e floresce quando o formalismo, na figura de Chomsky, ganha repercussão. Entretanto, Weinreich, Labov e Herzog, criadores da Teoria da Variação, trabalham com uma gramática probabilística, em

que as formas linguísticas entram em competição numa mesma função, movidas por fatores naturais e sociais, que fazem se tornar possível uma ou outra variante. O gerativismo, por sua vez, estabelece um novo olhar sobre os fenômenos sintáticos de variação. Por meio de uma abordagem mais dedutiva para a descrição desses fenômenos, Tarallo e Kato (1989) uniram a metodologia quantitativa laboviana aos conceitos de parâmetro estipulados por Chomsky, a fim de investigar os processos de variação e mudança do Português Brasileiro. Trata-se da “sociolinguística paramétrica.”

Questiona-se, então, como pode haver a mudança linguística entre as gerações e o que faz uma nova geração de falantes produzir dados de gramática distintos da geração anterior? Para D. Lightfoot, a criança analisa parcialmente dados linguísticos primários (*triggers*), obtendo pistas (*cues*) para a fixação de parâmetros, não sendo centralmente relevante o conjunto da experiência linguística. A mudança advém justamente de uma alteração nesses dados, gerando a hipótese de uma gramática diferente, o que o leva a concluir que “*Under certain conditions, if the linguistic environment is a little different, a child’s brain may grow a grammar somewhat different from that of her mother.*”⁴(LIGHTFOOT, 1999, p.74)

Kroch (1989a) afirma que o aumento das taxas de uso de uma forma inovadora em textos históricos, quando exhibe um determinado padrão de comportamento, consiste no reflexo de uma mudança paramétrica já estabelecida na gramática de uma língua. Para o autor, uma única mudança paramétrica afeta toda a gramática, podendo ser mapeada através da razão das várias mudanças superficiais atestadas em um mesmo período de tempo. Assim, Kroch (1989a) propõe a análise do Efeito de taxa Constante (*Constant Rate Effect*) como método para identificar se as mudanças superficiais atestadas em um mesmo período de tempo podem estar relacionadas a uma única mudança paramétrica. Sobre este assunto, Namiuti (2008) faz as seguintes considerações:

Para checar se as mudanças nos diferentes contextos são o resultado de apenas uma mudança profunda, Kroch (2001) utiliza métodos estatísticos que levam em consideração a razão (proporção) em que as mudanças ocorrem. Se esta razão for constante, ou seja, a mesma para várias das mudanças superficiais, conclui-se que apenas um parâmetro está envolvido na mudança (NAMIUTI, 2008, p. 19).

É o que acontece com a substituição da ordem *verbo-advérbio* por *advérbio-verbo* concomitante ao aumento do uso do auxiliar *do*, no inglês, em que Kroch e seus colaboradores

⁴“Sob certas condições, se o ambiente linguístico é um pouco diferente, o cérebro de uma criança pode ter uma gramática um pouco diferente da de sua mãe.” [Tradução nossa]

detectaram que a razão de mudança era a mesma em diferentes contextos superficiais que refletiam uma única mudança paramétrica. (KROCH, 2001, p. 30). O Efeito de Taxa Constante é, pois, responsável por associar uma mudança paramétrica à competição de gramáticas. Destarte, nesses casos, a variação entre forma *nova* e forma *velhana* Língua-E é consequência de uma mudança linguística já efetivada.

Para Kroch (2001), a mudança linguística é condicionada por “falhas na transmissão de traços linguísticos através do tempo”, que podem ocorrer tanto na aquisição da língua materna, em processo exógeno, quanto no aprendizado de uma segunda língua por um adulto. Através do acionamento paramétrico uma forma linguística é ou não marcada no momento de aquisição da linguagem, podendo, segundo Kroch (1994), ser determinada por fatores sócio e psicolinguísticos. A Teoria gerativa explica, portanto, a mudança sintática como consequência de uma marcação diferente para um dado parâmetro comum à língua na qual a criança está exposta. Assim,

A noção de Parâmetro engendrou e vem engendrando uma massa de pesquisa das línguas naturais, não só porque dá uma dimensão tipológica a uma linha teórica que antes se preocupava mais com o que era universal e invariante, mas também porque ela pode explicar a mudança sintática e a seleção da gramática pela criança. Para a visão de Princípios e Parâmetros, uma mudança de gramática é uma mudança paramétrica (KATO, 1999, p. 160).

Entretanto, entender a mudança, especialmente a sintática, é uma tarefa árdua, principalmente porque os estudos diacrônicos não dispõem de um *corpus* representativo para análise, estando presente nos materiais históricos apenas evidências positivas sobre a boa formação de formas linguísticas. Martins (2002) define o trabalho do linguista que se propõe a estudar a diacronia de uma língua da seguinte maneira:

Encontrando-se limitado às evidências linguísticas que puderam sobreviver aos homens que as produziram e aos acidentes históricos, o diacronista é um arqueólogo que trabalha com indícios, identificando e interpretando factos do passado apoiado no conhecimento (empírico e formal) progressivamente construído pelas teorias linguísticas contemporâneas (MARTINS, 2002, p. 259)

Kroch (1989a) afirma que a importância do estudo da gramática no âmbito diacrônico centraliza-se no espalhamento da mudança na gramática de uma língua ao longo dos anos. Somente por meios históricos é possível encontrar um tipo de informação que está

necessariamente ausente em dados sincrônicos, como o curso do tempo que uma mudança linguística, já efetivada, percorre até se estabilizar.

Roberts (1993) caracteriza a mudança sintática em três etapas: i) mudança na experiência linguística, quando duas formas entram em variação, ii) reanálise diacrônica, uma forma passa a ser improdutiva, iii) mudança paramétrica, a forma improdutiva torna-se agramatical; apresentando uma leitura dos dados diacrônicos diferente daquela proposta por Kroch (1989a,b).

Para Kroch (1989b), a variação de formas antigas e novas que reflete uma mudança paramétrica exibe uma curva em *S* em um gráfico em que o eixo *X* é o tempo e o eixo *Y*, a frequência dessas novas formas, o que implica dizer que as formas novas surgem timidamente no início, em competição com as formas antigas e aumenta gradualmente sua frequência de uso, expulsando a forma antiga no final da curva. Dessa forma, Kroch (1989b) argumenta que a mudança não acontece no fim da curva *S*, mas no início, de forma abrupta, sem ser observada no vernáculo; conseqüentemente, a “competição de gramáticas” se instaura depois da mudança paramétrica, em um momento de espalhamento dessa mudança, em que gramáticas incompatíveis se fazem presentes mutuamente em um falante ou em uma comunidade de fala. A fim de esclarecer o termo “competição de gramáticas”, “Grammar Competition”, empregado por Kroch (1994), Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2006) o caracterizam como um “processo no qual as formas antigas são gradualmente expulsas do uso pelas formas inovadoras” (GALVES; PAIXÃO DE SOUSA; NAMIUTI, 2006, p. 50).

Kroch (1989b) afirma que a convivência de formas linguísticas pertencentes a diferentes gramáticas pode ser atestada por meio de contato linguístico ou dialetal e em casos em que formas representativas de uma gramática anterior apresentem-se concomitantemente a formas de uma gramática nova, visto que na mudança, as formas antigas não desaparecem imediatamente, vão sendo substituídas gradualmente, havendo a sua utilização conjunta até o momento da consolidação de uma única forma. Martins (2009), baseado na teoria de Kroch (1989b) sobre mudança, declara que “o processo de mudança sintática reflete sempre a tensão, num ambiente heterogêneo, entre uma gramática inovadora e uma gramática conservadora”.

Galves (2010) também explica os usos gradativos de gramáticas diferentes, embasada no modelo de mudança proposto por Kroch:

essa competição pode ser entendida como o reflexo de uma mudança que já aconteceu no vernáculo, e que vai, paulatinamente, se impondo na língua escrita, mais conservadora. Desse ponto de vista, o que os textos nos

mostram não é a emergência da mudança nos falantes, mas a consolidação da mudança nos textos (GALVES, 2010, p.7)

Os falantes, por sua vez, naturalmente se tornam hábeis para fazer associações entre as novas variantes e suas causas gramaticais.

Assim, partindo dos pressupostos teóricos da gramática gerativa e da proposta de Kroch (1989, 1994, 2001) de como interpretar os dados de variação, perguntamos se as formas pronominais “nós” e “a gente”, ambas designando primeira pessoa plural, no PB, mais especificamente no português popular de Vitória da Conquista, correspondem à gramáticas distintas, ou seja, se são formas em competição. Para tanto, iniciaremos no segundo capítulo dessa dissertação uma explanação acerca do nosso objeto de estudo, revisitando trabalhos importantes que trazem informações acerca da gramaticalização do “a gente” e resultados variacionistas que pressupõem uma substituição da forma tradicional “nós” por essa nova forma pronominal.

3 REVISITANDO A HISTÓRIA DE “GENTE” PARA “A GENTE”

A gramaticalização de formas como “a gente” e “você(s)” caracterizam um novo quadro pronominal no PB: as formas inovadoras passaram a assumir valores discursivos de 1ª pessoa do plural e 2ª pessoa, respectivamente, mas com flexão verbal de 3ª pessoa, característica do SN, levando à total falta de correspondência de pessoa do discurso e pessoa gramatical, como prescrito no português padrão. “A gente” não só mudou a classe gramatical, como também o sentido que lhe era estabelecido: passou de referente de um grupo de pessoas à parte a um grupo no qual o falante se inclui, tal qual o pronome “nós”.

3.1 DE NOME A PRONOME

Lopes (2002), a fim de descrever o percurso histórico da mudança categorial do substantivo “gente” para o pronome “a gente”, realiza uma análise quantitativa com dados que vão desde o século XIII ao século XX, buscando sua origem na Europa, enfocando os ambientes linguísticos que favorecem mais o uso desta forma inovadora ou da forma tradicional “nós”. Segundo a autora, o processo de gramaticalização de “a gente” foi lento e gradual, visto que apesar de as suas primeiras ocorrências terem se dado no século XIII, somente no século XVIII configurou-se o “a gente” como forma pronominal propriamente dita, no PE.

Com o passar do tempo, a noção genérica de pessoa do substantivo “gente” vem se perdendo, abrindo espaço para o seu uso pronominal. Assim, esse traço semântico de pessoa deixa de ser [φEU] (a “não-pessoa” de Benveniste, 2005) e passa a ser [+EU], uma vez que agora o “a gente” não se refere a outras pessoas do discurso, mas a uma interpretação em que o falante se inclui. Lopes (2002) afirma que essas ocorrências, que eram escassas no português arcaico, tornam-se mais frequentes e significativas a partir do século XVI, havendo somente um caso de uso do “a gente” pronominal em dados do século XIII.

Em seus estudos históricos, Lopes (2002) constata ainda que os casos de ambiguidade de leitura do “a gente”, tanto como sinônimo de pessoas, quanto como variante de “nós”, são mais frequentes a partir do século XVI, e se configuram entre os séculos XVII e XIX, período que ela considera como transitório. No século XIX, este duplo sentido deixa de existir, consagrando-se o momento de instauração do “a gente” enquanto pronome.

No que concerne aos possíveis referentes do “a gente”, Lopes (2002) conclui que:

Na análise geral da cronologia de *a gente* em tempo real de longa duração observou-se também maior tendência ao emprego de *a gente* pronominal como sujeito genérico que como sujeito específico. Tais incidências evidenciam a “hipótese da taxa constante” (Constant Rate Hypothesis) defendida por Kroch (1989b,1994), que prevê que, em um processo de mudança, uma forma inovadora aparece em todos os contextos ao mesmo tempo e progride a uma “taxa constante” em termos probabilísticos, implementando-se mais rapidamente nos contextos linguísticos mais favoráveis (LOPES, 2002, p. 11-12).

Por séculos a forma pronominal conviveu com a forma substantivada, apresentando-se em muitos contextos, com ambiguidade interpretativa. Somente no século XIX o “*a gente*” substantivo é visto como agramatical. A gramaticalização de “*a gente*” gerou incompatibilidades entre os traços formais de gênero, número e pessoa e os semânticos-discursivos no momento da recategorização nome/pronome. Segundo Lopes (2004), o traço formal de número se perdeu com o tempo, atingindo 100% de perda no século XX, mas manteve uma interpretação semântica pluralizada. Quanto à noção de gênero, o “*a gente*” passou de uma marcação positiva do gênero formal [+fem] a gênero neutro [Ø], assim como ocorre em outras formas pronominais, porém há subespecificação semântica de gênero, visto que “*a gente*” pode combinar-se com adjetivos masculinos e femininos, a depender da referência semântica.

No que se refere aos traços de pessoa, o substantivo “*gente*” concordou com P6 (-m) até o século XIX, no PE, mas foi a partir do século XIV que os índices de frequência de concordância de Ø aumentaram progressivamente. Com o surgimento da forma pronominal, manteve-se o traço formal de 3ª pessoa, mas alterou-se a interpretação semântico-discursiva [+ EU], haja vista a inclusão do falante no discurso. Isso fez com que aparecessem dois indícios sintáticos na língua: a concordância com -mos, comumente usada na fala não-padrão, e a coindexação pronominal com nosso(s)/ nossa(s). No PE (com amostras do século XIII ao XX), o uso de *a gente* pronominal aparece com maior peso relativo no século XIX (.91), já no PB percebeu-se uma ascendência abrupta entre o século XIX e XX, de (.19) para o primeiro e de (.84) para o segundo, evidenciando que no Brasil a mudança ocorre realmente a partir do século XX (LOPES, 2002).

Callou, Barbosa e Lopes (2006) ressaltam que Portugal ainda apresenta um comportamento mais conservador do que o Brasil, em relação ao uso da nova forma pronominal. Em contraposição, o termo “*a gente*” concordando com P4 é registrado no português europeu padrão, enquanto aqui no Brasil esta concordância ainda é estigmatizada pelos falantes cultos.

Lopes (2002) afirma, ainda, que “a pronominalização do substantivo *gente* não foi um processo isolado, mas uma consequência de uma mudança *encaixada* linguística e socialmente.” (LOPES, 2002, p. 9). Por outro lado, Cintra (1972) justifica essa mudança devido a uma tendência ao uso da flexão verbal de terceira pessoa.

A perda do tratamento por vós e a sua substituição por um tratamento que conduzia o verbo para 3ª pessoa foi certamente favorecida por uma tendência para simplificar, num sector em que a gramática portuguesa se apresenta particularmente complexa: a flexão verbal, extremamente rica em formas bem diferenciadas (CINTRA, 1972, p.36).

Não se pode, porém, designar a tendência ao uso da flexão verbal de terceira pessoa como o gatilho para a mudança no paradigma pronominal percebida através da gramaticalização do “a gente”, pois a mudança no paradigma flexional é posterior e só acontece no Brasil.⁵ A gramaticalização da forma “a gente”, diferentemente da gramaticalização da forma “você” para o quadro de pronomes, dá-se primeiramente em Portugal, já atestada no século XVIII, podendo estar relacionada com a mudança de traços semânticos⁶ mais especificados para a primeira pessoa.

As variações das formas “tu”, “vós”/ você (s) e “nós” /“a gente” não parecem refletir o mesmo tipo de situação gramatical. A forma “vós” é considerada agramatical no vernáculo do PB, o que nos faz concluir que esta foi de fato substituída por “vocês”, provocando uma desestabilização no sistema flexional de número-pessoa, mas o uso dos pronomes “a gente” e “nós” é ainda bastante produtivo e não parece refletir competição de formas, uma vez que tais pronomes convivem harmoniosamente na fala da população brasileira, havendo apenas alterações na forma de concordância de pessoa e número.

Como sugerem Naro e Scherre (2007), resta-nos investigar quais são os fatores responsáveis por provocar a ausência de concordância com o pronome “nós” (ex. Nós fala) no PB. A inserção de “a gente” no sistema pronominal, com morfema de concordância Ø, quando “a gente” está adjacente ao verbo (ex. A gente fala), pode ter desencadeado, mesmo que indiretamente, a expressão “nós fala”; visto que a ausência de concordância verbal em P6 (As gentes falam) já era variável nos textos pré-clássicos, constatando que a falta de concordância no português antecede a inserção da língua em território brasileiro.

⁵ É importante lembrar que o uso de terceira pessoa como tratamento de segunda pessoa é bastante comum em Portugal e este fato não parece ter afetado o paradigma flexional do PE.

⁶ A forma “*a gente vamos*” é a forma atestada na Europa desde o século XVIII, já “*você vais” jamais foi atestado em PB, o que parece indicar uma ordem reversa das relações de mudança em PB.

Para essa empreita, vale revisitar alguns estudos variacionistas sobre “nós” e “a gente”, pontuar algumas questões sobre a concordância em PB, para então questionar a ordem das coisas: “*a genteé* de Conquista” gera “*nósé* de Conquista”, como argumentam Naro e Scherre, ou as mudança dos traços de concordância em PB geram “*elesé* de Conquista”, “*vocésé* de Conquista”, “*a genteé* de Conquista” e “*nósé* de Conquista”, visto que esse tipo de construção não existe em PE.

3.2 “A GENTE” VERSUS “NÓS”

A variação ocorrida entre as formas “nós” e “a gente”, referindo-se à primeira pessoa do plural, consiste em uma alternância presente em diferentes variedades do PB e, segundo Paiva e Duarte (2006), está imune à avaliação social, visto que não há uma distinção entre as formas no que diz respeito ao fato de serem mais ou menos prestigiadas.

Duarte (1993) atesta que os paradigmas flexionais do português estão sofrendo modificações oriundas do uso de variantes inovadoras como “você” e “a gente”. Segundo a autora, tais modificações destituem as formas tradicionais “tu/vós” e “nós”, pois, apesar de “a gente” indicar o discurso realizado por algumas pessoas com inclusão do falante, logo, referir-se à primeira pessoa do plural, esta forma recebe marcação de terceira pessoa, o que reduz as desinências verbais que compõem as conjugações do PB.

Tabela 1– Evolução dos paradigmas flexionais do português

Pessoa	Número	Paradigma 1	Paradigma 2	Paradigma 3
1 ^a	Singular	Canta-o	Canta-o	Canta-o
2 ^a direta	Singular	Canta-s	----	----
2 ^a indireta	Singular	Canta-0	Canta-0	Canta-0
3 ^a	Singular	Canta-0	Canta-0	Canta-0
1 ^a	Plural	Canta-mos	Canta-mos	Canta-0
2 ^a direta	Plural	Canta-is	----	----
2 ^a indireta	Plural	Canta-m	Canta-m	Canta-m
3 ^a	Plural	Canta-m	Canta-m	Canta-m

Fonte: Duarte(1993, p. 109).

Pode-se observar que o paradigma 1 é composto por 6 desinências verbais que marcam as flexões *-o*, *-s*, *-0*, *-mos*, *-is* e *-m*, características de uma língua portuguesa, cuja realidade linguística é atestada em Portugal, mas não no Brasil. No paradigma 2, há algumas modificações relacionadas à segunda pessoa, em que se perdem as desinências *-s* e *-is*, características das pessoas “tu” e “vós”, dando lugar às expressões “você” e “vocês”, que apesar de se referirem à segunda pessoa, possuem marcações na terceira pessoa. Há, portanto,

uma redução de 6 para 4 formas desinenciais. No paradigma 3, são encontradas, além das mudanças de segunda pessoa, uma redução da desinência *-mos*, característica da forma tradicional, e conseqüente acréscimo da desinência de terceira pessoa *-o*, marcadora do “a gente”, o que para Duarte (1993) indica a substituição de “nós” por “a gente”. Assim, há um decréscimo de 6 formas iniciais para apenas 3 formas verbais atuais ou até mesmo 2, se não se considerar a sexta pessoa (P6), como já está acontecendo na fala (PAIVA; DUARTE, 2006). A associação entre a redução do paradigma flexional do PB e a modificação do paradigma pronominal não nos parece necessária, principalmente porque, ao mesmo tempo em que se perde a desinência *-mos*, se criam expressões como “Nóis vai/ Nóis canta”, que caracterizam claramente uma mudança no paradigma flexional, não necessariamente no pronominal.

Para Duarte (1993), o paradigma 2 é restrito à escrita e à fala de uma geração de faixa etária alta, enquanto o paradigma 3 é característico de uma geração mais jovem, porém muito popular entre os falantes de uma faixa etária mais alta; o que se pode concluir, segundo a autora, que há um processo de variação, lento e gradual, que tende a uma mudança linguística, haja vista que os diferentes representantes da língua já estão envolvidos nessa ação. Não se pode falar em mudança gramatical em curso numa perspectiva gerativista, visto que, por necessidade teórica, a mudança paramétrica se dá no momento da aquisição da linguagem de maneira abrupta (KROCH, 1989a). Nesse quadro, a variação no uso dos pronomes de primeira pessoa do plural pode ser interpretada como resultado da propagação da mudança, equivalendo ao reflexo da competição de gramáticas, no entanto não enxergamos a variação dessas formas pronominais dessa maneira e mais adiante voltaremos a isso.

Lemos Monteiro (1994) também atenta para essa redução dos paradigmas pronominais do português, quando afirma que

O sistema dos pronomes pessoais, conforme vimos insistindo, está sofrendo uma profunda reestruturação correlacionada a uma simplificação do paradigma de conjugação verbal. Certas mudanças já se encontram plenamente consumadas, como a substituição do pronome *vós* por *vocês*, enquanto outras ainda lutam por impor-se, tal qual o caso do emprego de *a gente* em vez de *nós* (LEMOS MONTEIRO, 1994, p. 146-147, grifos do autor)

Lemos Monteiro afirma que a nova forma “a gente” tem seguido os passos traçados por “você”. Também Mattos e Silva (2006) argumenta que a expansão das formas “você” e “a gente”, no sistema pronominal do PB, contribuiu para a generalização da 3ª pessoa e conseqüente redução do paradigma verbal de quatro para três posições. O uso alternado entre

essas formas pronominais, tu, vós/você(s) e nós/a gente, e a sua relação com a aplicação ou não de marcas de verbo no plural serviram de subsídio para ratificar a hipótese de mudança.

Marcotúlio (2012) trata a gênese da forma de tratamento “Vossa Mercê” como um processo de gramaticalização, em que o DP possessivo é reanalisado como DP pronominal, apresentando comportamentos sintáticos distintos. Assim, “Vossa Mercê” passa a fazer parte do quadro de tratamentos do português através da posição sintática de sujeito entre os séculos XV e XVI. O autor afirma ainda que os estudos dedicados a este assunto se preocupam em mostrar como a forma de tratamento perde as propriedades de nome e adquire as propriedades de pronome, gerando “você”, e propõe que o ciclo de gramaticalização tradicionalmente apresentado deve ser expandido de maneira a considerar que as primeiras ocorrências de “Vossa Mercê” sejam um sintagma possessivo comum, posteriormente reanalisado ao sintagma pronominal “Vossa Mercê”.

Naro e Sherre (2007) afirmam não terem encontrado, em documentos de Portugal, o uso “Nós” +Ø, a exemplo de “Nós vai”, salientando a preferência dos dialetos portugueses por “Nós vamos”. Da mesma maneira, não se documenta, em Portugal, a variação “Tu fala/ Tu falas”. No Brasil, verifica-se mais comumente o uso de “tu” associado a verbos flexionados em Ø.

A gramaticalização do “a gente”, a sua inserção no paradigma pronominal do PB e a sua relação com a forma tradicional “nós” também constituem o principal objeto de estudo de Lopes (1999). A autora apresenta vários trabalhos relacionados ao estudo da forma inovadora, bem como dados relativos ao seu uso enquanto pronome pessoal do caso reto, com características semelhantes à forma tradicional “nós”, pressupondo uma competição entre estas formas, que, para ela, estão passando por um processo de mudança linguística.

Em 1998, Lopes analisa a variação de “nós” e “a gente” em posição de sujeito, tendo como *corpus* dados de falantes cultos das três principais regiões geográficas do Brasil: Sudoeste (Rio de Janeiro), Sul (Porto Alegre) e Nordeste (Salvador); dados oriundos do projeto NURC. A autora compara os seus resultados com o trabalho de Omena (1986), que tem por base a fala popular. Para tanto, considera relevante a interpretação e análise de fatores linguísticos como: paralelismo formal, sexo associado à faixa etária, saliência fônica, região geográfica, “eu-ampliado”, tempo verbal e modalização discursiva.

Aparentemente, a forma inovadora tem ganhado espaço nos últimos 40 anos, tanto entre os falantes cultos, quanto entre os não-cultos, principalmente os jovens, com faixa etária de até 25 anos (LOPES, 2004, p.186). Omena (2003) argumenta que, ao longo dos anos, os

falantes adquirem a forma mais antiga na escrita padrão, uma vez que ela ainda é dotada de maior prestígio na sociedade.

Em seus dados, Lopes (1998) identifica 4 possibilidades para se referir à 1ª pessoa do discurso no plural, utilizadas pelo falante culto: “nós”, explícito ou não, seguido da desinência *-mos*, e “a gente”, explícito ou não, seguido da desinência verbal Ø. Segue, na tabela 2, os ambientes linguísticos que favorecem o uso de “a gente”.

Tabela 2–Ambientes favoráveis ao uso de “a gente”

Grupo de fatores	Fator condicionante:	Nº/Total	Freq. %	P.R.
1) Paralelismo	Forma antecedente = sujeito Ø + verbo em P3	044/048	92	.91
	Forma antecedente = sujeito <i>a gente</i>	161/184	87	.90
2) Sexo/Faixa-etária	M1 - Mulheres de 25 a 35 anos	106/130	82	.85
3) Saliência fônica	Nível 1 - <i>falava/falávamos</i>	081/225	36	.62
	Nível 2 - <i>fala/falamos; trouxe/trouxemos, etc</i>	183/287	64	.63
4) Região geográfica	Rio de Janeiro (sudeste)	217/369	59	.69
5) Eu-ampliado	Eu + você(s) + ele(s) - grau máximo de indeterminação	252/422	60	.65
6) Tempo verbal	Gerúndio	005/006	83	.75
	Infinitivo	029/042	69	.65
	Presente do Indicativo	276/564	49	.60
7) Modalização	Auxiliares modais (poder, querer, etc) + <i>a gente</i>	037/057	65	.59

Fonte: Lopes (1998, p. 7).

Referindo-se às variáveis extralinguísticas sexo e faixa etária, Lopes (1996) faz as seguintes considerações:

A intersecção sexo e faixa etária faz-se necessária para verificar se o fenômeno da substituição de "nós" por "a gente" é um processo de variação estável ou de mudança linguística. A preferência pela forma não-padrão entre as mulheres pode nos sugerir a segunda opção, entretanto, ao inter-relacionar as duas variáveis sociais (sexo e idade) verifica-se uma configuração curvilínea interpretada como um padrão de variação estável, jovens e velhas com índices mais altos que as falantes da faixa média. No caso dos homens observa-se uma progressão contínua e ascendente (LOPES, 1996, p. 121)

Lopes (1998) também ratifica que a intersecção sexo e faixa etária é necessária para averiguar se o fenômeno nós/a gente consiste em uma variação estável ou uma mudança linguística. Segundo a autora, o fato de as mulheres preferirem a forma inovadora sugere uma mudança, mas quando se instaura esta intersecção obtém-se uma configuração curvilínea, considerada um padrão de variação estável. Os estudos de Lopes (1998) corroboram os resultados apresentados por Omena (1986), com representantes da fala popular, em que os falantes mais velhos optam pelo uso de “nós”, enquanto os mais jovens preferem o “a gente”. O fator sexo não aparece como determinante, uma vez que esses resultados relativos à faixa etária aparecem em ambos os sexos de maneira paralela. Confrontando os resultados de Omena (1986), de falantes de pouca escolaridade, e os dados apresentados por Lopes (1998), de falantes cultos, é possível constatar que o uso de “a gente” apresenta-se mais comumente entre os representantes da fala popular do que entre os falantes cultos.

Por fim, Lopes (1998) conclui que o uso de uma forma ou de outra está condicionado a ambientes linguísticos e discursivos determinados que se inter-relacionam, revelando o caráter indeterminado de “a gente”, em oposição a um caráter mais específico de “nós”.

Assim como a autora, entendemos que há ambientes linguísticos que favorecem a escolha dos falantes por uma ou outra forma, o que, a nosso ver, corrobora a hipótese de ambas as formas coexistirem em uma mesma gramática do PB.

No capítulo que se segue, questionaremos a ordem dos fatores que podem nos ajudar a entender a natureza da variação no uso de “nós” e “a gente”. Revisitaremos alguns aspectos gramaticais do PB e argumentaremos que não se pode sustentar a hipótese de substituição de “nós” por “a gente” apoiando-se em uma tendência ao uso do morfema Ø, principalmente porque, atualmente, se nota um aumento do uso de “nós” + Ø, que já não pode mais ser compreendido como um ruído causado por uma competição de formas pertencentes a diferentes gramáticas. Acrescentamos que, apesar da aparente obviedade na ordem das relações no uso de “você” e a “gente”, a analogia da relação tu, vós/você(s) com a relação nós/a gente não nos parece coerente, pois, como vimos em seção anterior, os fatores históricos de mudança tu, vós/você(s) são substancialmente brasileiros, já a inserção de “a gente”, concomitante a “nós”, no paradigma pronominal não subjaz somente ao PB, mas também, e anteriormente, ao PE.

4 O QUE VEM PRIMEIRO: O OVO OU A GALINHA?

Os estudos de mudança no quadro teórico gerativista buscam identificar as relações de causa e efeito da mudança, o que torna frequente o embate com a questão sobre a ordem das coisas. Retomando a analogia feita pelo professor Anthony Kroch, em palestra proferida em 2000 na UNICAMP – *What comes first the chicken or the egg?*⁷, questionamos: (i) A gramaticalização das novas formas pronominais “você” e “a gente” é a causa para a mudança no sistema flexional do PB? O raciocínio parece lógico: formas de terceira pessoa com sentidos de segunda e primeira do plural causaram uma desestabilização no sistema de concordância e, conseqüentemente, uma redução do paradigma flexional do verbo no PB, uma vez que no quadro teórico gerativista, *mudança de gramática é mudança paramétrica*, ou seja, uma mudança profunda que afeta a gramática como um todo. Outra resposta possível para a questão lançada seria dizer que não há relação de causa e de efeito entre os elementos trazidos na questão e que a gramaticalização das formas “você” e “a gente”, a mudança nos paradigmas da flexão verbal e outras alterações percebidas no vernáculo brasileiro são todos efeitos de mudança profunda (e não gatilhos). Para completar a reflexão, teremos que questionar se: (ii) Estas alterações percebidas no PB são todas efeitos de uma mesma causa ou há causas diferentes em alguns casos? Que mudança profunda seria essa?

Para começar, faremos algumas considerações sobre aspectos gramaticais do PB.

4.1 A FLEXÃO BRASILEIRA E SEUS EFEITOS

Várias hipóteses têm sido lançadas numa tentativa de justificar algumas alterações na gramática do PB. Tarallo (1993) e Duarte (1993), em suas pesquisas, constataram que, ao longo dos anos, a opção pelo sujeito nulo vem caindo, o que, segundo os autores, pode ser justificado pela inserção de novas formas pronominais ao paradigma do PB.

Tabela 3– Ocorrências de sujeito nulo em épocas diferentes (ano-porcentagem)

TARALLO	DUARTE
1725 – 76,7%	1845 – 80%
1981 – 23,3 %	1992 – 30%

⁷ c.p. Cristiane Namiuti.

Pode-se considerar o quadro de 1725 e de 1845, com preferência pelo sujeito nulo, como característico do português que chegou ao Brasil no século XVI, afinal o sujeito nulo aparece na carta de Caminha e escritos de João de Barros. Segundo os autores, a preferência pela realização do sujeito pronominal no PB pode estar relacionada a fatores como a substituição de TU+V por TU/VOCÊ+V, e de NÓS+V por A GENTE+V. Assim, a perda de sujeito nulo parece ser um desenvolvimento externo, pois não resultaria na reanálise dos dados do *input* fornecido pelos portugueses. Da mesma maneira, entende-se que essa modificação de sujeito nulo a sujeito preenchido estaria altamente relacionada à redução do paradigma flexional, uma vez que ambos seriam resultados de inovações linguísticas.

Atesta-se, dessa forma, que o surgimento de uma variante não é um processo individual, mas que abrange outras modificações na gramática do falante. Paiva e Duarte (2006) comentam sobre essa tendência ao preenchimento do sujeito, reforçando o que já foi dito:

Uma hipótese possível para o curso dessa mudança estaria no enfraquecimento do sistema de flexões verbais decorrente da substituição de pronomes que se combinam com formas verbais de desinência exclusiva (“tu” e “nós”) por pronomes que se combinam com formas verbais de terceira pessoa do singular (“você” e “a gente”). Tais substituições (ou a neutralização entre “tu” e “você”) reduziu o número de oposições de cinco para apenas três formas verbais distintas, que podem passar a duas no caso da ausência de marca de concordância na terceira pessoa do plural (PAIVA; DUARTE, 2006, p. 141.)

Creemos que o preenchimento do sujeito pode ser um efeito da mudança, o que não implica dizer que esteja encadeado à inserção de novos pronomes na língua. Essa relação talvez não seja sempre necessária. Talvez o gatilho não seja a concordância das formas “a gente” e “você” com Øe isso requer uma investigação maior.

4.2 O PAPEL DA CONCORDÂNCIA

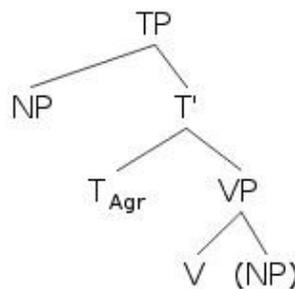
Em 1993, Galves pressupõe que a mudança profunda que caracteriza a mudança gramatical no PB esteja localizada no enfraquecimento da concordância, uma vez que essa mudança na caracterização do morfema de concordância (Agr) presente na flexão remete a uma reestruturação da oração subjacente a todas as mudanças superficiais. A autora assume que essa “retenção pronominal” representa uma mudança qualitativa e não só uma variação

quantitativa produzida numa mesma gramática. Galves (1993) atesta que a concordância verbal no PB é “fraca”, o que corroboraria a sua hipótese:

É fraca a concordância que não contém pessoa, ou que contém pessoa como um traço puramente sintático. É o que acontece no PB onde não se encontra na flexão verbal a oposição 1ª, 2ª e 3ª pessoas, mas somente uma oposição binária, pessoa (1ª)/não pessoa (3ª), articulada a uma oposição singular/plural. (GALVES, 1993, p. 395)

Trata-se, portanto, de uma concordância morfológica fraca, por falta da segunda pessoa, e de uma concordância semântica também fraca, já que a 3ª pessoa do singular é interpretada como indeterminada. Vale ressaltar que Benveniste (2005) atribui a noção de pessoa do discurso somente à primeira e segunda pessoas, que são aquelas que participam diretamente do processo de enunciação. Sobre a terceira pessoa, o autor a caracteriza como a “não-pessoa”, já que esta, enquanto enunciado de discurso, remete a uma situação objetiva, podendo comportar qualquer sujeito ou não representar nenhum; é uma forma não pessoal da flexão verbal.

Galves (1993) se apropria de noções mais abstratas para ratificar a sua hipótese de enfraquecimento da concordância, que levam à análise da oração em que a flexão de pessoa desempenha papel crucial – o papel de núcleo. Diferentemente do que tem sido apresentado pela literatura, Galves propõe que “um morfema de concordância fraco não é gerado debaixo de um núcleo independente, mas antes como um afixo a T, desde o início da derivação” (GALVES, 1993, p.396), conforme modelo abaixo:



Assim, Galves (1993) conclui que o enfraquecimento da flexão provoca uma reorganização da oração: o sujeito se encontra numa posição mais baixa do que numa língua de concordância forte, em que este recebe o caso nominativo na posição de especificador de

Agr. Quando Agr se enfraquece, o morfema Agr e o núcleo Agr se dissociam. Essa interpretação justifica a preferência por objetos nulos e o enfraquecimento dos clíticos, bem como a legitimação do pronome tônico em posição de objeto e o desaparecimento do *se* apassivador. O enfraquecimento da concordância também pode ser relacionado à modificação das formas pronominais de tratamento, em que se perdeu a oposição tu (2ª pessoa) /você (3ª pessoa). Da mesma maneira, observamos que a alternância nós/a gente pode estar relacionada ao enfraquecimento da concordância verbal, principalmente devido ao aumento do uso da forma pronominal tradicional concordando com a terceira pessoa (Nós+ P3).

Mais recentemente, embasada nos pressupostos minimalistas, Béjar (2003) apresenta uma teoria de traços para a concordância, que poderia explicar a ideia inicial de Galves (1993) sobre o enfraquecimento da concordância. Para tanto, a autora assume que os pronomes obedecem a uma geometria interna responsável por sua sistematização, em que ϕ codifica as propriedades nominais de concordância (pessoa, número e gênero), e adiciona um novo traço π , como uma camada representativa, a essa geometria, que se apresentaria como um nó intermediário entre a raiz do elemento referencial e o nó [PARTICIPANT]. π é um traço semântico para a categoria pessoa, responsável sozinho por diferenciar as 1ª, 2ª e 3ª pessoas. A proposta de Béjar (2008) é motivada por algumas restrições que ocorrem em casos de concordância, quando há falta de equivalência entre os traços do elemento controlador (alvo) e os do elemento controlado (sonda). Por essa proposta, os tradicionais traços- ϕ pronominais de pessoa, número e gênero são assumidos como não-primitivos, sendo representados por diferentes tipos de feixes de traços. No que se refere ao traço de pessoa, o inventário adotado é {[π], [participant], [speaker]} e para o número {[ω] [plural]}. Esses traços são privativos, o que significa que sua ausência é interpretada como um valor negativo.

A análise de Béjar (2008) dá conta, a partir da noção de acarretamento, dos pareamentos possíveis no processo de concordância, alvo-sonda (*goal-probe*), levando em consideração que no processo de concordância deve haver pareamento de ao menos um dos traços, necessitando que os traços contidos na sonda sejam iguais ou subconjuntos dos traços contidos no alvo:

Tabela 4– Processos de concordância com as novas formas pronominalizadas do português

Padrão	Alvo	Sonda	AGREE pessoa	AGREE número
A gente – T ($u\phi$:3;SG)	[π participant speaker] [ω plural]	[$u\pi$] [$u\omega$]	P□G agree succeeds	P□G agree succeeds
A gente – T ($u\phi$:1;PL)	[π participant speaker] [ω plural]	[$u\pi$ uparticipant uspeaker] [$u\omega$ uplural]	P□G and P□G agree succeeds	P□G and P□G agree succeeds

Fonte: Béjar (2008).

Os traços de gênero, por sua vez, têm seus valores marcados na terceira pessoa e são α marcados nas outras pessoas. Dessa forma, o pronome “a gente”, assim como os demais pronomes de primeira pessoa e os de segunda pessoa, apesar de aparentar ausência de gênero, pode estabelecer concordância em estruturas predicativas, advertindo que em uma mesma forma pronominal os traços ϕ podem se comportar de forma diferente.

Diante do exposto, assumimos que a variação no uso de “nós” e de “a gente” concordando com \emptyset e *-mos(nós/a gente foi/fomos)* está relacionada a uma mudança profunda no paradigma flexional do verbo; hipótese corroborada pela existência de um 4º paradigma flexional, que estabelece a concordância de P6 com \emptyset (ex.: Eles canta), mantendo uma oposição singular entre -o e \emptyset , tendo \emptyset para qualquer sujeito diferente de EU, independente das características de Pessoa e Número desse sujeito.

5CORPUS E METODOLOGIA

Este capítulo apresenta o nosso *corpus* de pesquisa, a Fala Popular de Vitória da Conquista (FPVC), desde a coleta de dados, por meio de entrevista narrativa, até a formação de um banco de dados no Excel, composto por 818 ocorrências das formas “nós” e “a gente”. Posteriormente, exibiremos a metodologia utilizada para a análise de alguns fatores linguísticos, que podem ser condicionantes ao uso de uma ou outra forma pronominal, seguido de alguns resultados de pesquisas sobre esse fenômeno, que julgamos necessários para a validação (ou não) da nossa hipótese de variação.

5.1 O CORPUS DA PESQUISA

Os dados elencados na formação do *corpus* de Fala Popular de Vitória da Conquista foram coletados por estudantes dos cursos de Letras Vernáculas e de Letras Modernas, nos meses de março e abril de 2007, visando a formação de um banco de dados que contribuísse para as futuras investigações linguísticas do GPEL – Grupo de Pesquisa em Estudos Linguísticos – da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB.

Desse trabalho, foram selecionados 12 informantes naturais de Vitória da Conquista – Ba, com grau de escolaridade de até, no máximo, 4 anos, caracterizando a fala popular, cuja escolaridade se limita a analfabetos ou semianalfabetos. Os informantes se dividiram em três faixas etárias (até 30 anos, de 31 a 49 anos, acima de 50 anos), havendo dois informantes de cada sexo (masculino/feminino) em cada faixa etária. Apesar de essas informações não serem fundamentais para uma descrição e análise na linha teórica gerativista, que tem por objetivo a descrição de fatores linguísticos, optamos por usar também esses fatores extralinguísticos, uma vez que há muitos trabalhos já concebidos que argumentam serem estes os condicionantes da mudança linguística.

As gravações foram realizadas através de conversas informais, em entrevista narrativa, com livre interação entre os interlocutores. As gravações foram coletadas, de maneira geral, em formato mp3 e algumas entrevistas foram gravadas em fita k7, sendo posteriormente transferidas para CDs e computador, com duração média de 60min.

Realizadas as gravações, os dados de fala foram transcritos pelos próprios documentadores, sendo revisados, posteriormente, para fins deste trabalho, em especial os casos que envolvem o nosso objeto de estudo: o fenômeno nós/a gente. Vale salientar que não

há critérios de transcrição estabelecidos, que envolvam prosódia ou fonética; as transcrições foram realizadas numa tentativa de aproximação com a fala do informante, sendo necessário retornar às gravações, se preciso. O *corpus* será disponibilizado para consulta no Laboratório de Pesquisa e Estudo em Linguística de Corpus – LAPELINC, da UESB, coordenado pelos Professores Drs. Cristiane Namiuti-Temponi e Jorge Viana Santos.

5.2 O BANCO DE DADOS - FPVC

Obtido o *corpus* de Fala Popular de Vitória da Conquista (FPVC), foi montado um banco de dados no Excel, composto por 818 dados cujas ocorrências de “nós” e “a gente” se fazem presentes, sendo 654 casos em posição de sujeito e 164 casos em outras posições sintáticas.

Para a construção do banco de dados foram viabilizadas as seguintes informações: realização da posição sujeito e de outras funções sintáticas, explicitude do sujeito, tipo de verbo, tipo de predicado, tempo e modo verbais, flexão verbal, saliência fônica, controle de referente, concordância nominal, faixa etária, sexo e nome do informante, além de comentários extras.

A classificação geral se deu da seguinte forma: (+) para “A gente” e (-) para “Nós”. A posição sujeito foi identificada pela letra (j) e as outras posições sintáticas (t). Em Outras posições sintáticas, especificamos qual era a posição através dos seguintes critérios: (p) “a gente” realizando complemento de preposição, descrevendo na coluna de comentários a natureza do PP - genitivo, dativo, outra; (c) “a gente” realizando complemento de verbo acusativo sem ECM (Marcação excepcional de Caso), uma vez que nos casos de ECM a forma foi considerada sujeito do infinitivo, mesmo recebendo caso acusativo do verbo principal; (s) “nós” realizando complemento de preposição; (a) “nós” realizando complemento de verbo acusativo sem ECM; (d) “nós” como possessivo (nosso-a); (l) nós realizado como pronome clítico do caso dativo; (;) não se aplica, quando a forma se apresentar na posição sujeito.

Os fatores relacionados abaixo foram analisados na posição sujeito e os resultados foram obtidos através do programa estatístico-computacional de dados linguísticos GOLDVARB. Para a Explicitude do Sujeito, identificamos as variáveis através dos seguintes símbolos: (g), quando a forma representada é “a gente”, realizada lexicalmente; (n), com a forma “nós” realizada lexicalmente; (o), com sujeito nulo de 1ª menção–*mos*; (i), para sujeito

nulo implícito de “a gente” (somente em estruturas de elipse - orações dependentes, coordenadas ou subordinadas); (x), quando sujeito nulo implícito de “nós” (estruturas de elipse - sujeito nulo em orações dependentes, coordenadas ou subordinadas).

Quanto à estrutura argumental dos verbos (Tipo de verbo), classificamo-los da seguinte maneira: (A) verbo transitivo acusativo de dois ou três lugares; (P) verbo transitivo de dois lugares com complemento oblíquo; (I) inacusativo; (E) inergativo; (,) não se aplica, quando o dado é de complemento nominal. Nas construções com verbos auxiliares ou semiauxiliares foi considerada apenas a natureza do verbo pleno.

O fator Tipo de predicado foi estruturado da seguinte forma: (S) predicado simples; (X) predicado complexo modo-temporal, que são as locuções verbais temporais, modais e aspectuais (orações reduzidas); (Z) voz passiva; (N) condicional; ; (.) não se aplica, quando complemento de nome.

O tempo verbal foi classificado como: (T) presente, (J) pretérito perfeito, (V) pretérito imperfeito, (Q) pretérito mais-que-perfeito, (F) futuros, (\$) em casos de formas nominais, com ausência de auxiliar e (") quando condicional. Já o modo verbal foi identificado com os ícones: (D) indicativo, (B) subjuntivo, (M) imperativo, (R) infinitivo, (G) gerúndio (com elipse de auxiliar). Para caracterizar a flexão verbal, utilizou-se 3, quando a forma possuísse morfema Ø de concordância, 4, quando usada a desinência *-mos* e 6, quando a forma concordava com a 3ª pessoa do plural, e (?) não se aplica, quando o verbo estava no infinitivo impessoal, particípio, gerúndio.

A Saliência Fônica foi simbolizada por: (!), quando esdrúxula; (@), se máxima; (#) quando média; e (&) se mínima. Já o Controle de Referente foi estabelecido da seguinte forma: (b) Referente genérico e indefinido; (e) Referente genérico e definido; (r) Referente específico e definido [misto]; (h) Referente específico e definido [homens exclusivo]; e (q) Referente específico e definido [mulheres exclusivo].

Para analisar a Concordância nominal observou-se pessoa, número e gênero: (k) masculino singular, (w) masculino plural, (y) feminino singular, (v) feminino plural, (u) neutro singular, (z) neutro plural (o neutro compreende substantivos sobrecomuns ou comuns-de-dois, cujo gênero não está determinado explicitamente.), (') não se aplica, em todos os casos que não apresentam estruturas predicativas. Os fatores extralinguísticos utilizados foram: faixa etária (1) até 30 anos, (2) de 31 a 49 anos e (7) acima de 50 anos; sexo do informante (m) masculino e (f) feminino; e nome do informante (em siglas). Os comentários

trazem informações relevantes a respeito do dado que não foram abarcadas por meio das classificações propostas.

A interpretação dos elementos apresentados constitui os resultados da nossa pesquisa, que, como já mencionamos, tem como objetivo principal viabilizar informações que comprovem que a variação do uso “nós” e “a gente” na FPVC não representa competição de formas pertencentes a distintos sistemas pronominais, que pertencem a gramáticas também distintas, mas formas que coexistem num único sistema pronominal.

5.3 FATORES LINGUÍSTICOS CONDICIONANTES AO USO DA PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL – POSIÇÃO SUJEITO

Inicialmente, foi preciso estabelecer quais os critérios de seleção utilizados para a escolha dos dados analisados neste estudo. Naro, Görski e Fernandes (1999) optaram pelo uso das formas de 1ª pessoa do plural implícitas (*-mos* e \emptyset) associadas às formas explicitadas em orações anteriores, classificando-as como próximas ou distantes: os sujeitos desinenciais eram classificados como distantes quando a distância entre o verbo e a forma pronominal correspondente fosse superior a cinco sílabas. Mendonça (2010) agregou os verbos com terminação *-mos* ao pronome “nós”, chamando-os de “nós implícito”, e com terminação \emptyset pertencentes à forma “a gente”, sendo o “a gente implícito”, independentemente da forma pronominal explícita anteriormente. Coelho (2006) e Antonino e Bandeira (2011) consideraram os casos de sujeito desinenciais associados às formas pronominais precedentes em orações anteriores.

Rubio (2012) afirma que, como as formas desinenciais de 1ª pessoa do plural e de 3ª pessoa do singular podem ser atribuídas tanto à forma pronominal “nós”, quanto à forma “a gente”, são considerados casos implícitos dos pronomes em questão as formas desinenciais *-mos* ou \emptyset , de acordo com a opção escolhida pelo falante em oração anterior, tida como referente. Os verbos flexionados em 1ª pessoa do plural com sujeito nulo que não possuem pronome explícito antecedente não foram considerados, por não configurarem casos de alternância nós/a gente. Formas compostas (pronome eu + formas de 2ª ou/e 3ª pessoas) seguidas de verbos em *-mos* ou \emptyset não foram consideradas em suas análises, bem como marcadores discursivos, que possuem fixidez estrutural em 1ª pessoa do plural, visto que são estruturas cristalizadas não passíveis de variação.

Em nossos dados, foram considerados os casos de “nós” e “a gente” explícitos e implícitos, quando expressos em orações anteriores. Para os casos em que há a presença da desinência verbal *-mos* sem sujeito pronominal explícito ou implícito em oração anterior classificamo-los como sujeitos nulos, dos quais a forma pronominal a que este se refere é uma categoria vazia⁸. Foram desconsiderados os marcadores discursivos, bem como as formas compostas seguidas de verbo em *-mos*, cujos referentes pronominais se faziam presentes, não sendo “nós” nem “a gente”. Encontramos somente 1 caso de forma composta seguida de verbo em *-mos*:

(0818) “Eu mais ele já somos amigos e tudo, né? eh.” (DRS, 3m)

Com base nos subsídios computados no Banco de Dados da FPVC, foram avaliados os seguintes fatores para a análise da alternância pronominal nós/a gente, em posição de sujeito:

5.3.1 Explicitude do Sujeito

A análise deste fator dá-se por se considerar que alguns tipos de sujeito favorecem a aplicação de marcas de 1ª pessoa do plural em relação a outros. Com o enfraquecimento da concordância e o seu uso não redundante, verifica-se que os sujeitos não realizados lexicalmente favorecem o uso do morfema número-pessoa de plural, passando a atuar como única forma de identificação da pessoa do discurso. Bortoni-Ricardo (1985) e Rodrigues (1987) constataram que a ausência ou elipse de sujeito favorece a marcação do morfema *-mos*, de 1ª pessoa do plural.

Omena (1986), Lopes (1993, 1998), dentre outros autores, ressaltaram a influência do preenchimento ou apagamento do sujeito no fenômeno de alternância pronominal nós/a gente. Vianna (2011), em estudos com amostras de fala do português europeu (PE), verificou predominância do emprego de sujeito nulo em P4. Com a forma pronominal “a gente”, o emprego de sujeito não-preenchido lexicalmente praticamente não se deu, prevalecendo os casos de sujeito explícito.

Para analisar a explicitude do sujeito e considerando que o sujeito nulo *-mos* não explicita em orações anteriores o pronome a que se refere, trabalhamos com a seguinte classificação para este fator:

⁸ Considera-se uma categoria vazia quando um ou mais constituintes são foneticamente nulos, mas sintática e semanticamente presentes.

- i) Sujeito explícito “nós”
(0274) “O vizinho chega lá ‘Ó, fulano fez issi i issi cumigo!’ Ah, **[nóis]** apanhava...” (ETF, 2m)
- ii) Sujeito explícito “a gente”
(0011) “**[A gente]** apartava os GAdo:.” (RRS, 1m)
- iii) Sujeito implícito “nós” (verificado em orações anteriores)
(0201) “Eu só vou na firma mermo carregar e nóis sai por esses bairro tudo ai **[[nóis]]** vê muitas coisas boas e muitas coisas ruim.” (MCF, 2m)
- iv) Sujeito implícito “a gente” (verificado em orações anteriores)
(0793, 0794) “A gente vai no hospital, **[(a gente)]** visita os duente, **[(a gente)]** visita os legionário mesmo, os que é afastado, que é desviado.” (MRRC, 3f)
- v) Sujeito nulo em P4 (do qual não se pode identificar o sujeito pronominal)
(0504, 0505) “Na outra sala, **[melamo]** os dedo de tinta e **[botemos.]**” (ETM, 1f)

5.3.2 Tipo de verbo

O fator Tipo de verbo foi utilizado experimentalmente por nós, numa tentativa de saber se essa variável influencia no processo de alternância pronominal nós/a gente. Os verbos foram classificados da seguinte maneira:

- i) Verbo transitivo acusativo de dois ou três lugares;
(0586) “As criança veve suginha, abandonada, discalça, **[a gente vê]** e num pode fazê nada.” (ETM, 1f)
- ii) Verbo transitivo de dois lugares com complemento oblíquo;
(0557) “**[A gente precisa]** demais demais de mais pulicial pra gente vivê segura dentro da casa da gente.” (ETM, 1f)
- iii) Verbo inacusativo;
(0751) “... se **[nóis morrê]** ispera a saRvação.” (MdS, 3f)
- iv) Verbo inergativo;
(0530) “...ai depois que **[nóis cresceu]**, nóis mesmo cumprava.” (ETM, 1f)

5.3.3 Tipo de predicado

Assim como o fator Tipo de verbo, optamos por discriminar o tipo de predicado:

- i) Simples
(0452) “Acho que nesse mundo que nós **[vivemos]** hoje...” (RRA, 3m)

ii) Complexos modo-temporais

(0589) “Do jeito que evai [**a gente já pode falá**] que a micareta daqui de Conquista já está quase acabanu” (ETM, 1f)

iii) Voz passiva

(0785) “... assim mermo [**a gente vai perseguido**].” (MRRC, 3f)

iv) Condicional

(0451) “... por exemplo se vo [**se a gente analisar**] evangelho.. a a religião evangélica com a católica é muito diferente.” (RAA, 3m)

v) Outros (a expressão “Tem que” + verbo no infinitivo)

(0796) “É que [**a gente tem que ter**] cuidado, né?” (MRRC, 3f)

5.3.4 Tempo verbal

O fator tempo verbal é considerado significativo nos estudos de Omena (1986) e de Lopes (1998), uma vez que apresenta dados relevantes para a pesquisa: o pretérito imperfeito, o presente do indicativo e as formas nominais (infinitivo e gerúndio) favorecem o uso de “a gente”, sendo o pretérito perfeito e os tempos que se caracterizam por apresentarem o maior número de marcas são condicionantes ao uso de “nós”.

Para Fernandes e Görski (1986) a desinência flexional *-mos* tem assumido a função de morfema de pretérito, opondo-se ao morfema \emptyset , que passa a representar o tempo presente. Assim, pressupõe-se que o pronome “nós” esteja condicionado a verbos do tempo pretérito, enquanto a forma pronominal “a gente” se vincula a verbos no presente.

Diante dos dados apresentados, partimos da hipótese de que o pretérito perfeito favorece o uso pronome “nós” e o presente, o pretérito imperfeito e as formas nominais favorecem o uso de “a gente”. Para fins de análise, classificamos o tempo verbal da seguinte maneira:

i) Presente;

(0728) “[**A gente chama**] chama pelo telefone ...ele demora de vim ...” (MdS, 3f)

ii) Pretérito perfeito;

(0696) “Nasci aqui, ai depois ai depois [**a gente foi**] pra lá...((risos))” (RS, 2f)

iii) Pretérito imperfeito;

(0285) “[**Nóis nunca sabia**] que esses cara era acostumado ficá junto cum esse tipo de gente...” (ETF, 2m)

iv) Futuros;

(0122) “[**A gente quando qué fazê**] uma coisa, a gente teim qui tá nas orações da gente pedindo a Deus.” (GDS, 1m)

v) Formas nominais com ausência de auxiliares.

(0088) “Que us colegi sempre é bom eh a gente tá sempre cumpanhano nas reunião i ai num teim como [**a gente num achar**] qui num é bom né?” (GDS, 1m)

vi) Condicional

(0196) “[**Se a gente ir**] pra outro canto assim, a gente pode ficar, mais sente muita falta, eu acho que sente muita falta.” (MCF, 2m)

Benveniste (2005) ressalta a dupla conotação dos tempos compostos: i) opõem-se um a um aos tempos simples, fornecendo um correlato no perfeito a cada tempo simples; ii) indicam anterioridade. Assim, os tempos compostos estão inclusos em seus respectivos tempos simples.

5.3.5 Modo verbal

Apesar de Rubio (2012) e Lopes (1998) não encontrarem resultados significativos quanto ao modo verbal, optamos por realizar esta análise também.

i) Indicativo

(0616) “intão sempre quando [**a gente lê**] a palavra...” (MHSO, 1f)

ii) Subjuntivo

(0267, 0268) “Naquela criação daquele tempo [**se nós chega**] numa casa, [(**nóis**) **tiver**] cum fome pa cumê e mãe fala assim: ‘Ó, o que cumé na casa de fulano, quando chegá lá, já sabe que vai apanha até umas zora, né?’” (ETF, 2m)

iii) Infinitivo

(0035) “a gente pega umas tulipa pra [(**a gente**) **vender**].” (RRS, 1m)

iv) Gerúndio

(0421) “entom ((risos)) [**a gente andano**] assim é é melhor né?” (DRS, 3m)

5.3.6 Flexão verbal

A concordância verbal se apresenta como um fator altamente relevante para a nossa pesquisa, pois a observação da concordância em PB e de seus traços mais salientes nos possibilitou lançar um novo olhar para a natureza da variação nos usos de “nós” e “a gente” e sua relação com a mudança gramatical que aconteceu no Brasil, gerando o PB.

Ao observar os resultados gerais para a concordância verbal de 1ª pessoa do plural, Rubio (2012) verificou que no PB há uma frequência considerável de uso de formas verbais de 3ª pessoa do singular junto ao pronome “nós” (14,5%), enquanto no PE é categórico o uso de morfemas de 1ª pessoa do plural nesse contexto. Por outro lado, verificou-se que o uso de “a gente” + P3 representa 94% dos casos no PB e de 75,5% no PE, sendo o emprego de a gente + P4 quase 20% maior nas amostras de Portugal.

Lopes (1999), em estudos com falantes cultos do PB, afirma, porém, que concordância de “a gente” com verbo na 3ª pessoa do singular é categórica (“A gente vai”). Já a concordância de nós com verbo na 1ª pessoa do plural ou 4ª pessoa (P4) foi a única estratégia localizada (Nós vamos.).

A fim de verificarmos o fator concordância verbal, nas formas “nós” e “a gente”, explícitas e implícitas com referente em orações anteriores, utilizamo-nos da seguinte classificação:

i) Nós + primeira pessoa do plural (P4)

(0745) “Os preços ...os PREÇOS ...muitas coisas nós num ... [nóis tamo] levano de frente ...minha fia!” (Mds, 3f)

ii) Nós + terceira pessoa do singular (P3)

(0528) “[Nóis começou] a trabalhá logo cedo em casa dos outro...” (ETM, 1f)

iii) Nós + terceira pessoa do plural (P6)

(0348) “Bom... do do dois [são nóis]...” (DRS, 3m)

iv) A gente + terceira pessoa do singular (P3)

(0747) “[A gente num pode] dizê ...” (MdS, 3f)

v) Sujeito nulo em P4

(0732) “Ela falava ...[vamo],vó?” (MdS, 3f)

É válido ressaltar que não foram encontradas, em nossos dados, as concordâncias entre “a gente” + P4 e “a gente” + P6.

5.3.7 Saliência fônica

O princípio da saliência fônica tem sido considerado de grande relevância na retenção de marcas de pluralidade no verbo e no predicativo. Naro *et al* (1999) afirmam que quanto maiores os níveis de saliência fônica entre as formas verbais, maior o uso do verbo na 1ª pessoa do plural, independentemente de sê-lo acompanhado pela forma pronominal “nós” ou “a gente”.

Omena (1986) ressalta que quanto maior o grau de distintividade, menor a chance do uso de “a gente”. Da mesma maneira, Lopes (1998) observou que quanto maior a diferença entre as formas do singular e do plural, maior a probabilidade do uso de “nós” e quanto menor a saliência entre as formas verbais, maior o uso da forma “a gente”. Vale salientar que os sujeitos nulos em P4 são classificados como implícitos de “nós”.

Segundo Lemle (1977) os falantes do PB costumam evitar formas verbais proparoxítonas, encontradas em construções verbais de 1PP, com desinências do pretérito imperfeito do indicativo e do subjuntivo e do pretérito mais-que-perfeito. Rodrigues (1987) afirma que, em contextos de síncope em palavras proparoxítonas, com falantes menos escolarizados, a aplicação do morfema de 3ª pessoa Ø juntamente ao pronome “nós” é comum, uma vez que verbos em P3 não apresentam forma proparoxítona em nenhuma das suas desinências modo-temporais. Coelho (2006) adverte para a preferência pelo uso de “a gente” + P3 nesses casos.

Rubio (2012) defende que o fator saliência fônica influencia na seleção do pronome de 1ª pessoa do plural, sendo que quanto maiores os níveis de saliência (exceto o grupo saliência esdrúxula) maior o emprego do pronome “nós”.

Para analisar o fator saliência fônica, Rubio (2012) propõe a seguinte divisão:

- i) *saliência esdrúxula* - a forma de primeira pessoa do plural é proparoxítona e a oposição *vogal/vogal-mos* não é tônica nas duas formas. Ex. cantava/cantávamos, fazia/fazíamos, tivesse/tivéssemos;
- ii) *saliência máxima* - ocorre mudança no radical e a oposição *vogal/vogal-mos* é tônica em uma ou duas formas. Ex.: é/somos, fez/fizemos, veio/viemos;
- iii) *saliência média* - ocorre uma semivogal na forma de terceira pessoa do singular que não ocorre na forma de primeira pessoa do plural e a oposição *vogal/vogal-mos* é tônica nas duas formas. Ex.: comprou/compramos, foi/fomos, partiu/partimos, vai/vamos;
- iv) *saliência mínima* - a oposição *vogal/vogal-mos* é tônica em uma ou nas duas formas, mas não há mudança no radical. Ex.: assiste/assistimos, canta/cantamos, dá/ damos, está/estamos, fazer/fazermos, faz/fazemos, lê/lemos, será/seremos, trouxe/trouxemos, tem/temos. (RUBIO, 2012, p. 171-2)

Ao cruzar os fatores tempo e modo verbais e saliência fônica, Rubio (2012) constata que a grande maioria dos verbos no tempo presente apresentam nível mínimo de saliência, favorecendo o uso de “a gente”, opondo-se aos verbos no pretérito perfeito do indicativo que tendem a influenciar positivamente o uso de “nós”, uma vez que apresentam, em sua totalidade, saliência média ou máxima. Para as ocorrências com verbos no pretérito imperfeito

nota-se uma totalidade, dentre os casos analisados, de saliência esdrúxula, o que favorece o uso de “a gente”. Os verbos no infinitivo pessoal, no futuro do pretérito e no futuro do subjuntivo, dentre outros, apresentam-se mais frequentemente junto à forma “a gente” e, quase todos, apresentam saliência fônica mínima. O autor afirma que “ao se categorizar os verbos em tempos e modos, como proposto, consideram-se, em uma mesma categoria, verbos com diferentes características morfológicas e, por consequência, com saliências fônicas diversas.” (RUBIO, 2012, p. 251)

Ao nos reportarmos aos comentários de Alina Villalva (2003) acerca da flexão verbal, verificamos que em seis paradigmas de flexão verbal (pretérito mais-que-perfeito e pretérito imperfeito do indicativo, pretérito imperfeito, presente e futuro do subjuntivo e infinitivo flexionado) as categorias de tempo-modo-aspecto (TMA) e de pessoa-número (PN) são realizadas por sufixos independentes, numa sequência que gera obrigatoriamente primeiro o sufixo TMA seguido do sufixo de PN. Entretanto, os tempos presente e pretérito perfeito do indicativo não dispõem de sufixos diferentes para TMA e PN, havendo uma amálgama de TMA e PN nos sufixos de flexão que compõem estes paradigmas verbais. Da mesma maneira, nas formas nominais (infinitivo, gerúndio e particípio) ocorre apenas um sufixo da categoria de TMA (-r, -ndo e -do, respectivamente), sendo consideradas paradigmas defectivos em PN.

De acordo com essa proposta, o sufixo *-mos*, encontrado nos tempos presente e pretérito perfeito do indicativo, não possui os mesmos traços morfossintáticos do sufixo *-mos* que aparece nos demais paradigmas, o que pode sugerir que a variação no uso das formas pronominais (“nós” e “a gente”) com P3, “nós” com P4 e nulo com P4 esteja relacionada a questões morfológicas. Diante disso, levaremos em consideração o fator tempo verbal como relevante para o estudo da alternância pronominal nós/a gente, fazendo a intersecção com a saliência fônica.

5.3.8 Controle de referente

Muitos trabalhos sobre alternância pronominal apontam grau de determinação do referente como relevante para a pesquisa. Segundo Buescu (1961 *apud* PEREIRA, 2003), o pronome “a gente” se refere a um número não limitado, enquanto o pronome “nós” apresenta maior concretude, referindo-se a um número mais completo ou determinado de pessoas.

Benveniste (2005), ao falar sobre a pluralização da pessoa verbal, adverte para o fato de o pronome “nós” não ser a junção de elementos definíveis, considerando a presença do

“eu” muito forte, de tal modo que, em certas condições, esse plural pode substituir o singular. Isso se dá porque o “nós” não é um “eu” quantificado ou multiplicado, mas um “eu” *dilatado* acrescido e de contornos vagos.

Daí vem, fora do plural ordinário, dois empregos opostos, mas não contraditórios. De um lado, o “eu” se amplifica por meio de “nós” numa pessoa mais maciça, mais solene e menos definida; é o “nós” de majestade. De outro lado, o emprego de “nós” atenua a afirmação muito marcada de “eu” numa expressão mais ampla e difusa: é o “nós” de autor (BENVENISTE, 2005, p. 258).

Lopes (1998), ao analisar o grau de determinação do referente em falantes cultos, fator chamado por ela de “eu-ampliado”, revela a existência de diferenças importantes que favorecem o uso de “nós” ou de “a gente”, relacionadas a um uso mais restrito ou mais genérico. O falante prefere usar “nós”, quando o referente é [+perceptível] e [+determinado]; por outro lado, há favorecimento da forma “a gente” em situações cujo referente é mais indeterminado, com maior grau de impessoalidade.

Lemos Monteiro (1991) apresenta resultados que mostram uma diferenciação no emprego de “nós” e “a gente” referente ao uso mais restrito ou mais genérico. Segundo o autor, o falante prefere o pronome “nós” quando tem como referente ele mesmo e o interlocutor (eu+você), ou (eu+ele) “não-pessoa”, referente [+perceptível] e [+determinado]. Quando o falante amplia a referência, indeterminando-a, existe uma priorização pela forma “a gente”. Lemos Monteiro (1991) afirma ainda que esse valor genérico, difuso e indeterminado das formas “nós” e “a gente” e “você” se reflete na própria desinência verbal. Sendo assim, a impessoalidade verbal se coaduna com a noção de amplitude em que as formas pronominais são empregadas.

Omena (1986) verifica que a variante “nós” é privilegiada quando o sujeito abrange um grupo grande e determinado, enquanto a forma “a gente” refere-se mais a um grupo grande, porém indeterminado. A autora ressalta ainda que talvez o uso de “a gente” em substituição ao pronome “nós” esteja relacionado à necessidade de contrapor uma referência precisa a uma imprecisa, ratificando o que expõem Rollemberg *et al.* (1991) ao dizerem que “a gente” possui um grau generalizador de abrangência maior do que “nós”, que sempre inclui o comprometimento do “eu”.

Omena (1996) faz um levantamento sobre a influência do grau de determinação do referente na escolha dos morfemas de concordância verbal, afirmando que os casos de referentes mais específicos e definidos, nos quais o falante nitidamente se inclui, favorecem o

uso da desinência de 1ª pessoa do plural, independentemente se a forma do sujeito pronominal é “nós” ou “a gente”.

Para referenciar essa questão, Vianna e Lopes (2003) fizeram uso da classificação proposta por Lopes (1999), em relação ao referente:

- a) *Referência genérica/abstrata*: quando o falante reporta-se a uma categoria generalizada, do tipo os jovens, o povo, etc, ou a um grupo indeterminado de pessoas;
- b) *Referente misto*, incluindo homens e mulheres: diferente do referente genérico ou abstrato, considera-se como misto quando, no contexto discursivo, fica implícito que o falante tem em mente um grupo de pessoas específico que necessariamente engloba homens e mulheres;
- c) *Mulheres (exclusivo)*: referente inclui apenas pessoas do sexo feminino;
- d) *Homens (exclusivo)*: referente inclui apenas pessoas do sexo masculino(VIANNA; LOPES, 2003, p. 674).

Sendo assim, nota-se que com o referente homens-exclusivo, o “a gente” no singular é categórico, não havendo variação de gênero. Já o pronome “nós” se apresenta tanto no singular (55%) quanto no plural (45%). Com o referente mulheres-exclusivo, há predominância de “a gente” no FEM-SG (79%) e de “nós” no FEM-PL (92%). Quando o referente é misto ou genérico há predominância de estruturas predicativas no masculino, por apresentarem interpretação neutra, com “a gente” no singular (83% de referência mista e 77% de referência genérica) e “nós” no plural (66% de referência mista e 64% de referência genérica). Vale ressaltar que com referente misto prevalece o uso de “nós”, enquanto que com referente genérico é usado mais frequentemente o “a gente”.

Rubio (2012) apresenta uma proposta diferente para analisar o controle do grau de determinação do referente:

- i) *Referência genérica e indefinida*: quando o pronome remete a uma categoria generalizada e indeterminada de indivíduos, geralmente com referência a pessoas ou a grupos.
- ii) *Referência genérica e definida*: quando o pronome remete a uma categoria generalizada, mas determinada de indivíduos. Nesse contexto, fica claro que o falante tem consciência de determinado grupo de indivíduos, no qual ele próprio está incluso, por exemplo, as pessoas do trabalho, do futebol, da família, do bairro.
- iii) *Referência específica e definida*: quando o pronome remete a uma categoria específica e determinada de indivíduos, em que o falante se inclui junto a outro referente também específico. A recuperação do referente é feita com exatidão no contexto evidenciado em períodos posteriores ou anteriores. (RUBIO, 2012, 167).

Em seus resultados, Rubio (2012) adverte para uma tendência ao uso de “a gente” para se referir a sujeitos do tipo *genérico e indefinido*. Os referentes do tipo *específico e definido* são os que mais favorecem o uso de “nós”. Os sujeitos com grau de determinação *genérico e definido* possuem tendência intermediária.

Analizamos os nossos dados pautados nessas hipóteses, utilizando-nos da seguinte proposta para reportar o controle de referente:

- i) *Referente genérico e indefinido*: uma categoria generalizada e indeterminada de indivíduos
- ii) *Referente genérico e definido*: categoria generalizada, mas determinada de indivíduos.
- iii) *Referente específico e definido [misto]*: uma categoria específica e determinada de indivíduos, que engloba homens e mulheres.
- iv) *Referente específico e definido [homens exclusivo]*: uma categoria específica e determinada de indivíduos, que engloba apenas homens.
- v) *Referente específico e definido [mulheres exclusivo]*: uma categoria específica e determinada de indivíduos, que engloba apenas mulheres.

Enfim, serão considerados oito grupos de fatores linguísticos para a análise de dados da alternância pronominal de 1ª pessoa do plural, em posição sujeito: explicitude do sujeito, tipo de verbo, tipo de predicado, tempo verbal, modo verbalconcordância verbal, saliência fônica e controle de referente, conforme a tabela apresentada abaixo:

Tabela 5– Fatores linguísticos considerados para a análise da alternância pronominal nós/ a gente

Variáveis	Variantes
Explicitude do sujeito	i) Sujeito explícito “nós”
	ii) Sujeito explícito “a gente”
	iii) Sujeito implícito “nós” (verificado em orações anteriores)
	iv) Sujeito implícito “a gente” (verificado em orações anteriores)
	v) Sujeito nulo em P4 (do qual não se pode identificar o sujeito pronominal)
Tipo de verbo	i) Acusativo de 2 ou 3 lugares
	ii) Transitivo de 2 lugares com complemento oblíquo
	iii) Inacusativo
	iv) Inergativo
	v) Outros (Expressão “Tem que”)
Tipo de predicado	i) Simples
	ii) Complexos modo-temporais
	iii) Voz passiva
	iv) Condicional
	v) Outros (Expressão “Tem que”)

(continua)

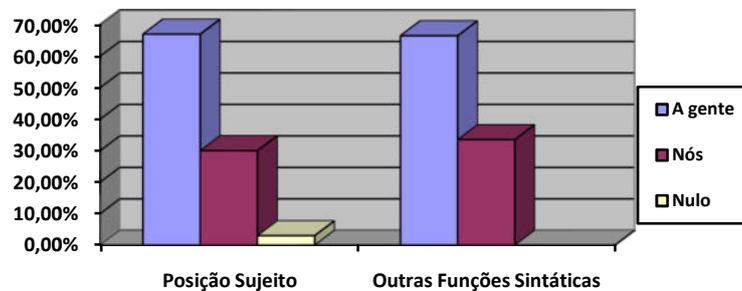
(conclusão)

Variáveis	Variantes
Tempo verbal	i) Presente; ii) Pretérito perfeito; iii) Pretérito imperfeito; iv) Futuros; v) Formas nominais com ausência de auxiliares; vi) Condicional.
Modo verbal	i) Indicativo ii) Subjuntivo iii) Infinitivo iv) Gerúndio
Flexão verbal (formas explícitas e implícitas com referente em orações anteriores)	i) Nós + primeira pessoa do plural (P4) ii) Nós + terceira pessoa do singular (P3) iii) Nós + terceira pessoa do plural (P6) iv) A gente + terceira pessoa do singular (P3) v) Sujeito nulo em P4
Saliência fônica verbal	i) Esdrúxula ii) Máxima iii) Média iv) Mínima
Controle de referente	i) Referente genérico e indefinido: uma categoria generalizada e indeterminada de indivíduos ii) Referente genérico e definido: categoria generalizada, mas determinada de indivíduos. iii) Referente específico e definido [misto]: uma categoria específica e determinada de indivíduos, que engloba homens e mulheres. iv) Referente específico e definido [homens exclusivo]: uma categoria específica e determinada de indivíduos, que engloba apenas homens. v) Referente específico e definido [mulheres exclusivo]: uma categoria específica e determinada de indivíduos, que engloba apenas mulheres. Forma precedida de sujeito nulo - <i>mos</i> .

6 “NÓS” E “A GENTE” NA FALA POPULAR DE VITÓRIA DA CONQUISTA

Nos dados de Fala Popular de Vitória da Conquista – Ba, foram computadas 818 ocorrências de “nós” e “a gente”, sendo 654 casos em posição de sujeito e 164 em outras posições sintáticas. Entretanto, ficaram à margem das análises alguns marcadores discursivos, pronomes com verbos elididos, conforme será descrito, posteriormente, na seção “posição sujeito”, o que totaliza 597 casos de “nós” e “a gente” em posição de sujeito e 164 dessas formas em outras funções sintáticas.

Gráfico 1– Descrição geral



A posição sujeito compreende 400 casos de “a gente”, o que equivale a 67,0% dos dados encontrados nessa posição, 179 realizações de “nós”, representando 30,0% dos dados, e 18 ocorrências de sujeito nulo em P4, ou seja, 3,0% dos dados. Já em outras funções sintáticas, obtivemos 109 (66,5%) e 55 (33,5%) casos de “a gente” e “nós”, respectivamente.

6.1 POSIÇÕES SINTÁTICAS EM QUE O PRONOME “A GENTE” OCORRE.

Ao estudar a classe dos pronomes, Cardinaletti e Starke (1999) trazem algumas noções básicas, com o objetivo de descobrir o primitivo fundamental dessa excepcional classe. Segundo propriedades semânticas, sintáticas e prosódicas os pronomes recebem uma divisão tripartida: fortes, fracos e clíticos. Ao verificar a coordenação e o referente, os autores apresentam duas classes: 1) os que podem ser coordenados, mas limitados a referentes humanos, 2) os que não podem ser coordenados, mas podem se referir a entidades humanas e não-humanas. A classe 1 representa os pronomes fortes, enquanto a classe 2 traz características dos pronomes deficientes, que são os clíticos e os fracos.

Os pronomes deficientes não podem introduzir novos referentes, não podem ser coordenados, não podem ser modificados, ou seja, devem estar ligados no discurso e não apresentar restrições quanto ao referente. Além disso, um pronome deficiente pode ter dependência prosódica e não pode ocupar algumas posições temáticas e algumas posições periféricas, como alguns casos de deslocamento, diferente do pronome forte, que tem liberdade de distribuição, assim como um NP. Os clíticos são elementos nucleares(X^0), devendo se comportar e se mover como núcleos, enquanto as demais formas pronominais são projeções máximas (X^{\max}/XP). A característica essencial dos pronomes fracos é o seu valor anafórico.

Os pronomes fortes, por sua vez, devem ser foco, neutro ou contrastivo, ou seja, constituir uma informação nova, e ter como referente um traço [+ humano]. Os pronomes fortes podem ocorrer tanto em posição pré-verbal, quanto em posição pós-verbal, como é o caso do “a gente”, que apresenta características similares ao pronome forte “nós”, podendo se expressar em diversas posições argumentais:

- 1) **Posição sujeito**
 - a) Com verbo inacusativo – “A gente morre [...]” (0798 – MRRC, 3f)
 - b) Com verbo inergativo – “A gente trabaia [...]” (0145 – MCF, 2m)
 - c) Com verbo copulativo, em Small Clause (SC) – “A gente é aposentado.” (0425 – DRS, 3m)
 - d) Com verbo locativo de 2 lugares, em marcação excepcional de Caso – “Ela mandou a gente ir pra outra sala.” (0502 – ETM, 1f)
- 2) **Posição Objeto direto** – acusativo de 2 lugares – “Querem agredir a gente.” (0023 – RRS, 1m)
- 3) **Posição Objeto direto** – acusativo de 3 lugares – “Mãe levava a gente no curador.” (0685 – IJG, 2f)
- 4) **Posição adjunto adnominal** – DP possessivo – “A gente quer ter as coisa da gente.” (0504 – ETM, 1f)
- 5) **Posição objeto indireto** – Oblíquo de 2 lugares – “Ela cuidava da gente.” (0249 – MCF, 2m)
- 6) **Posição complemento nominal** – “Eles não foi pessoas muito rígidos pra gente.” (0376 – DRS, 3m)
- 7) **Posição Adjunto adverbial** – com PP – “(Ele) deu uns tiro num rapaz pertinho da gente.” (0634 – IJG, 2f)

6.1.1 A Posição Sujeito

No *corpus* utilizado, foram identificadas 8 possibilidades para se referir à 1ª pessoa do discurso no plural, em um quadro um pouco diferente de Lopes (1998) e Vianna e Lopes (2003), são elas: (1) “nós” realizado lexicalmente, seguido da desinência *-mos*; (2) “nós” realizado lexicalmente, seguido do morfema \emptyset ; (3) “a gente” seguido da desinência verbal \emptyset ; (4) sujeito nulo seguido de desinência *-mos*; (5) “nós” implícito seguido da desinência *-mos* (P4); (6) “nós” implícito seguido do morfema \emptyset (P3); (7) “a gente” implícito seguido do morfema \emptyset (P3) e (8) “nós” explícito seguido de P6. Vale ressaltar que só foram considerados dados de sujeito implícito em orações dependentes, coordenadas ou subordinadas, cujo antecedente era realizado lexicalmente, para evitar ambiguidade interpretativa.

Foram computados 654 casos de “nós” e “a gente” em posição de sujeito, mas, algumas dessas ocorrências ficaram à margem desta análise devido às seguintes questões:

i) 18 casos de sujeito nulo (*-mos*) que são marcadores discursivos em estruturas cristalizadas.

(0607) “[**Vamo supô**] que eu procupo mais com você do que cumigo.” (MHSO 1f)

(0447) “[**Vamos dizê**] assim [...].” (RAA 3m)

Nesses casos, os marcadores discursivos não representam alternância pronominal. Para analisar os fatores concordância verbal, tempo e modos verbais e saliência fônica também desconsideramos os seguintes casos:

ii) 7 casos de “nós” explícito com verbo elidido ou com mudança de turno na fala.

(0330) “[...] praque [**nóis**] eeh, Deus tá oilhando pra nós [...]” (DRS 3m)

iii) 3 casos de “nós” implícito em que o verbo também se encontra em elipse.

(0342, 343) “Deus dá outro jeito que nós vomo viver tranquilo, [**(nóis vomo)**] comê, [**(nóis vomo)**] bebê sossegado.” (DRS 3m)

iv) 17 casos de “a gente” explícito com verbo implícito ou com mudança de turno na fala.

(0145) “Então a gentiii...trabaia... mar [**a gente**]... a pessoa trabaia cum mede né?” (MCF 2m)

v) 10 casos de “a gente” implícito, cujo verbo também se encontra em elipse.

(0305) “A gente tá procurano ele, [**(a gente tá)**] caçano, quando fu, pensa que não, ele tinha iscondido trás das banana...” (ETF 2m)

vi) 1 Small Clause

(0389) “Eu acho que que o governo fez uma muito bem pra pra nós, pra [nóis idoso]⁹ né?” (DRS, 3m)

vii) 1 forma composta (pronome eu + formas de 2ª ou/e 3ª pessoas) seguida de verbo em *-mos*

(0818) “[**Eu mais ele**] já [**somos**] amigos e tudo, né? eh.” (DRS, 3m)

Nas ocorrências supracitadas, a elipse do verbo impossibilita a concatenação dos fatores Posição Sujeito e Flexão Verbal. É válido ressaltar que as estruturas que contêm Marcação Excepcional de Caso foram consideradas em posição de sujeito do verbo no infinitivo.

(0641) “ Eu falei deixa [**nóis**] passar primeiro, pelamor de Deus!” (IJG 2f)

Dessa forma, foram analisados 597 casos de nós/a gente, em posição de sujeito, havendo 157 ocorrências de “nós” realizado lexicalmente, 22 casos de “nós” implícito, 344 ocorrências de “a gente” realizado lexicalmente, 56 casos de “a gente” implícito e 18 casos de sujeito nulo em P4. Os resultados apontam que o uso da forma “a gente”, de maneira geral, predomina sobre a forma pronominal “nós” na FPVC.

O primeiro fator analisado foi Explicitude do Sujeito e os resultados obtidos podem ser expressos na tabela abaixo.

Tabela 6 – Explicitude do sujeito em números absolutos

<i>Tipo de Realização do sujeito de primeira pessoa plural</i>	<i>Ocorrências</i>
Sujeito Explícito: “a gente”	344
Sujeito Explícito: “nós”	157
Total de Sujeito Explícito	501
Sujeito Implícito: “a gente”	56
Sujeito Implícito: “nós”	22
Sujeito Implícito: Nulo 1ª menção (desinência “mos”)	18
Total de Sujeito Implícito	116
Total de Sujeitos	597

Na FPVC verificamos a preferência dos falantes pelo uso do sujeito preenchido, tanto com a forma “a gente” quanto com a forma “nós” – 501 casos de sujeito preenchido em um universo de 597 dados, o que equivale a 84% do total de dados analisados. Tal resultado indica a preferência ao sujeito preenchido lexicalmente.

⁹ A expressão “nóis idoso” constitui um predicador semântico explicativo, não funciona, pois, como um predicador nominal.

Dos 501 casos de sujeito preenchido lexicalmente 69% são realizados por “a gente” e 31% pelo pronome “nós”. Tal resultado sugere que, apesar da preferência pelo pronome “a gente”, as ocorrências de “nós” é bastante significativas nesta posição e precisa ser melhor investigada.

Com relação ao sujeito não realizado lexicalmente – sujeito implícito – atestamos 116 ocorrências que equivalem a 19% do total de dados de sujeito. No universo dos sujeitos implícitos (116 dados), 48% correspondem a casos de “a gente” implícito (56 dados), 18% correspondem a casos de “nós” implícito (22 dados) e 15% de sujeito de primeira menção com desinência “mos” (18 dados). Reparem que a distribuição entre nós e “a gente” não realizados lexicalmente não apresenta grande diferença, pois, se considerarmos que as ocorrências de primeira menção também representam um “nós” não realizado lexicalmente, uma vez que não foi atestado casos de “a gente” lexical co-ocorrendo com o morfema “mos”, temos 40 casos do pronome “nós” eledido, ou seja, 32%.

Ao considerar o universo total dos dados da posição sujeito (597 ocorrências), temos: “a gente” e “nós” realizados lexicalmente em 57,6% e 26,3%, respectivamente, do total de ocorrências, enquanto as suas formas implícitas representam apenas 9,4%, para “a gente”, e 3,7%, para “nós”, seguido de 3,0% que remete ao sujeito nulo de primeira menção.

Esses resultados demonstram que o fator Explicitude do Sujeito, que controla os contextos de sujeito explícito e de sujeito não-explícito, possui pouca influência no processo de alternância pronominal nas amostras consideradas, visto que há uma preferência pelo sujeito explícito em ambas as formas, sem proporções maiores para uma ou outra realização.

(0049) “No posto as vezes **[a gente ligava]** pra imbulância.” (RRS, 1m)

(0269) “Então **[nóis chegava]** assim, ‘Já cumeu, os minino?’” (ETF, 2m)

(0009) “Todos os dia (...) vou na casa dum camarada meu, que ele sempre arruma um... um trabalho pra fazer, a gente faz, **(a gente) [constrói]** um algodão doce pra vender durante a semana, no sábado no domingo... as vezes.” (RRS, 1m)

(0174, 0175) “Ai o que **nóis** fazia, **nóis** ia num caçar faxina, **(nóis) [pegava]** uns preguim, **(nóis) [pregava]** ali nos carrim...” (MCF, 2m)

(0566) “É o mês de março, **nóis** ficô muito alegre, **(nóis)[ficamo]** feliz [...]” (ETM, 1f)

(0721) “[**Moremo**] assim na roça que meu pai era era era faz::... vaqueiro.” (MdS, 3f)

Ao analisarmos a influência do tipo de verbo para a escolha de uma ou outra variante pelo falante, encontramos os seguintes resultados:

Tabela 7– Tipo de verbo

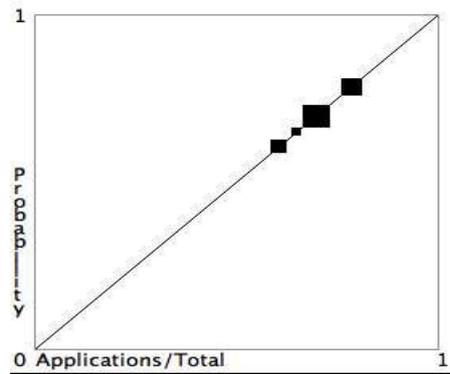
	Nós	Nulo	A gente	Total
Acusativo (de 2 ou 3 lugares)	88 →27,7% (↓49,2%)	10 →3,2% (↓55,5%)	219 →69,1% (↓54,8%)	317 (↓53,1%)
Transitivo com complemento oblíquo (2 lugares)	43 →27,9% (↓24,0%)	2 →1,3% (↓11,1%)	109 →70,8% (↓27,2%)	154 (↓25,8%)
Inergativo	14 →31,1% (↓7,8%)	3 →6,7% (↓16,7%)	28 →62,2% (↓7,0%)	45 (↓7,5%)
Inacusativo	34 →42,0% (↓19,0%)	3 →3,7% (↓16,7%)	44 →54,3% (↓11,0%)	81 (↓13,6%)
Total	179 →30%	18 →3,0%	400 →67,0%	597 100%

É importante mencionar que os resultados da tabela 8 para as ocorrências de “nós” e “a gente” consideram as formas implícitas dos pronomes.

Os resultados apresentados acima nos permitem verificar que, em todas as variantes, há a predominância do verbo acusativo para a todas as formas de pronome de primeira pessoa plural. Ao analisarmos individualmente a incidência do verbo acusativo em relação aos outros tipos de verbo, encontramos porcentagens aproximadas nas 3 variantes: 49,2% das realizações de “nós”, 55,5% dos casos de sujeito nulo e 54,8% das ocorrências de “a gente”.

A frequência de uso da forma “a gente” é maior em relação às outras formas pronominais em todos os tipos de verbo, porém a diferença para com a frequência de uso de “nós” parece mais significativas nos verbos transitivos – as ocorrências com verbo acusativo e verbos transitivos com complemento oblíquo registraram respectivamente 69,1% e 70,8% de “a gente” e 27,7% e 27,9% de “nós”. Com verbos inergativos ou inacusativos a frequência de uso de “nós” fica acima dos 30%, respectivamente 31,1% e 42%.

Para melhor avaliar a relação entre o tipo de verbo e a escolha do pronome, excluímos as formas implícitas de análise e obtivemos o seguinte resultado Binominal, nível 1 (calculado pelo programa GoldVarb) e os seguintes pesos relativos: 0.484 para verbos acusativos; 0.433 para verbos inergativos; 0.596 para verbos transitivos de dois lugares com objeto oblíquo; 0.388 para verbos inacusativos. O Qui quadrado desse grupo de fatores foi e o Log de probabilidade -307.171.

Figura 2– A gente e nós explícitos / Tipo de Verbo

Ao avaliar a influência do tipo de predicado sobre o fenômeno “nós” / “a gente”, verificamos que a distribuição do uso de “nós” ou “a gente” reflete a situação descrita na tabela 8 acima. Como podemos constatar na tabela 8, o uso de “a gente” é superior, porém “nós” aparece realizado em 31,8% dos predicados simples.

Tabela 8– Tipo de predicado

	Nós	Nulo	A gente	Total
Simple	151	16	307	474
	→31,8%	→3,4%	→64,8%	(↓79,4%)
	(↓84,3%)	(↓88,9%)	(↓76,7%)	
Complexos modo-temporais	24	2	60	86
	→27,9%	→2,3%	→68,8%	(14,4↓%)
	(↓13,4%)	(↓11,1%)	(↓15,0%)	
Outros (Expressões “Ter que + verbo infinitivo)	1	0	25	26
	→3,8%		→96,2%	(↓4,4%)
	(↓0,6%)		(↓6,3%)	
Voz passiva	3	0	5	8
	→37,5%		→62,5%	(↓1,3%)
	(↓1,7%)		(↓1,3%)	
Condicional	0	0	3	3
			→100%	(↓0,5%)
			(↓0,7%)	
Total	179	18	400	597
	→30,0%	→3,0%	→67,0%	100%

Ao analisarmos o fator Tempo Verbal, obtivemos os seguintes resultados:

Tabela 9–Tempo verbal na alternância pronominal nós/a gente

	Nós	Nulo	A gente	Total
Presente	91 →25,0% (↓50,8%)	5 →1,4% (↓27,8%)	268 →73,6% (↓67,0%)	364 (↓61,0%)
Pretérito perfeito	36 →61,0% (↓20,1%)	13 →22,0% (↓72,2%)	10 →17,0% (↓2,5%)	59 (↓9,9%)
Pretérito imperfeito	45 →39,8% (↓25,2%)	0	68 →60,2% (↓17,0%)	113 (↓18,9%)
Futuros	2 →66,7% (↓1,1%)	0	1 →33,3,0% (↓0,2%)	3 (↓0,5%)
Formas nominais (infinitivo pessoal e gerúndio com ausência de auxiliares)	5 →9,8% (↓2,8%)	0	46 →90,2% (↓11,5%)	51 (↓8,5%)
Condicional	0	0	7 →100,0% (↓1,8%)	7 (↓1,2%)
Total	179 → 30,0%	18 → 3,0%	400 → 67,0%	597 100%

Os resultados obtidos a partir da análise do fator tempo nos permitiu constatar que a alternância pronominal nós/a gente perpassa todos os tempos. A distribuição/proporção dos tempos no uso das formas (“nós” e “a gente”) é bastante semelhante. Apenas o pretérito perfeito e as formas nominais apresentam um favorecimento em relação a alguma forma, sendo o primeiro condicionante ao uso de “nós” e o segundo favorecedor de “a gente”. Isso parece corroborar os resultados de Omena (1986), com falantes menos escolarizados, e de Lopes (1998), com falantes cultos. No entanto, vale ressaltar que o sujeito nulo só ocorre no presente e no pretérito perfeito, formas que, segundo Villalva (2003), possuem os traços de tempo, modo, aspectos, pessoa e número amalgamados no único morfema flexional do paradigma destes tempos no modo indicativo.

O tempo futuro não foi produtivo nos dados e a sua baixa frequência pode ser consequência da natureza “narrativa” das entrevistas, em que os informantes relatam situações já vividas por eles mesmos ou por terceiros. Dessa forma, a tendência é que o falante utilize mais os tempos do passado e do presente.

Diante do exposto, reconhecemos o fator tempo verbal como relevante para as análises da alternância pronominal nós/a gente e sujeito nulo, pois se trata de um grande influenciador da escolha de uma ou outra forma pelos falantes.

A respeito do modo verbal encontramos os seguintes resultados:

Tabela 10– Modo verbal

	Nós	Nulo	A gente	Total
Indicativo	168 →32,0% (↓93,8%)	18 →3,4% (↓100%)	339 →64,6% (↓84,7%)	535 (↓87,9%)
Subjuntivo	6 →33,3% (↓3,4%)	0	12 →66,7% (↓3,0%)	18 (↓3,0%)
Infinitivo	5 →10,0% (↓2,8%)	0	45 →90,0% (↓11,3%)	50 (↓8,4%)
Gerúndio	0	0	4 →100% (↓1,0%)	4 (↓0,7%)
Total	179 →30,0%	18 →3,0%	400 →67,0%	597 100%

Quantitativamente, as três variantes são mais utilizadas no modo indicativo: “nós” (93,8%), “nulo” (100%) e “a gente” (84,7%), o que pode ser justificado pela natureza da entrevista. O infinitivo e o gerúndio, porém, favorecem a forma “a gente”, conforme foi apresentado antes, na tabela Tempo Verbal, em relação às formas nominais.

Tabela 11– Flexão verbal

					Total
A gente	Explícito	P3	340 85,9%	340 85,9%	396
		P4	0	0	66,8%
	Implícito	P3	56 14,1%	56 14,1%	
		P4	0	0	
Nós	Explícito	P3	126 70,5%	157 87,8%	179
		P4	29 16,2%	29	30,2%
		P6	2 1,1%	2	
	Implícito	P3	16 8,9%	22 12,2%	
		P4	6 3,3%	6	
		Nulo (P4) – primeira menção		18	18 3,0%
Total				593 100%	

Antes de mais nada, gostaríamos de esclarecer que há 4 casos de verbo no gerúndio que ficaram à margem desta análise, por não este modo verbal ser defectivo e não apresentar o paradigma número pessoal de concordância. No que concerne à concordância verbal dos

pronomes “nós” e “a gente”, notamos um uso relevante do morfema de terceira pessoa do singular Ø, tanto para o pronome “a gente”, como já era esperado, quanto para o pronome “nós”, diferindo, de maneira geral, dos resultados exibidos pela literatura até o momento.

A tabela acima revela que o uso de “a gente” concordando com P3 é categórico, apresentando-se em 100% dos casos, corroborando os dados de Lopes (1998), com falantes cultos, mas diferenciando-se do que foi visto por Vianna e Lopes (2003), em estudo com os falantes de menor grau de escolaridade, uma vez que as autoras verificaram a presença de concordância entre “a gente” + P4 e “a gente” + P6. Por outro lado, o uso de “nós” concordando com P3 (79,4%) apresenta-se excessivamente maior do que o seu uso concordando com P4 (19,5%), aguçando uma diferença de percentual relevante entre os dados aqui expostos e os resultados apresentados em Lopes (1998) e Vianna e Lopes (2003). Notoriamente, nos dados de Fala Popular de Vitória da Conquista – Ba, encontramos 2 casos de “nós” concordando com P6 (1,1%).

O sujeito nulo de primeira menção apresenta concordância com P4. Assim, se olharmos o sujeito nulo associando-o ao pronome “nós” implícito, teremos como conseqüência uma preferência pela concordância com P4 entre os sujeitos implícitos de “nós” (60,0%), corroborando a hipótese de Rodrigues (1987) que afirma que, no que se refere à concordância com “nós”, os contextos em que a relação entre verbo e sujeito é estabelecida somente por meio da concordância verbal, ou seja, os contextos de sujeito implícito, favorecem o uso de formas verbais marcadas. Para a concordância com “a gente”, é preciso ressaltar que essas afirmações não são pertinentes, uma vez que 100% dos casos de sujeito implícito de “a gente” concordam com P3.

Assim, os contextos de sujeitos explícitos e implícitos expressos em orações anteriores favorecem a concordância com P3, tanto para “nós” quanto para “a gente”, e os sujeitos nulos, sem referencial antecedente, remetem ao uso de P4. A concordância de “nós” com P6, encontrada em nossos dados, é no mínimo curiosa: o sujeito apresenta-se posposto ao verbo e o seu predicativo encontra-se anteposto ao verbo, o que pode ter provocado a concordância do verbo com o predicativo anteposto e não com o sujeito:

(0348, 0349) “Bom... do do **[dois são nós]**, **[são os próprios nós]**, né? que os eu e a mulé, e e e os outros são são neto dois neto... e um e uma filha que se mora aqui comigo.” (DRS, 3m)

Vianna e Lopes (2003) ressaltam que há uma menor produtividade na concordância de “nós” + P3, justificando o seu uso a construções escolhidas pelo falante: a) posposição do sujeito, b) pausa entre o pronome sujeito e o verbo, c) presença de quantificadores universais. Foram encontrados nos dados de fala conquistense apenas: 2 casos de pausa entre o pronome sujeito e verbo e 5 casos com a presença de quantificadores universais:

i) Pausa entre o pronome sujeito e o verbo

(0386) “[...] ar vez **[nóis]**, **[nóis]** nessa idade, tá nessa idade de sessenta e tantos anos.”

(DRS, 3m)

(0749) “Eu ispero minha fia ...as ... **[nóis]** aqui dá o ... a saúde [...]” (MdS 3f)

ii) Presença de quantificadores universal

(0322) “Todos **[nóis]** passá no concus:” (ETF, 2m)

(0356) “[**nóis]** ficava todo mundo ali, os filhos todo ali, rudiando, oiando ele até na

hora que ele que ele que ele morreu” (DRS, 3m)

(0498) “[**Nóis]** todos tem uma crui pra carregá, que trazemos essa cruís de nascença.”

(ETM 1f)

(0662) “[**Nóis]** tava tudo preocupado... já com ele...” (IJG 2f)

(0669) “É... porque **[nóis]** tudo né? foi criado junto.” (IJG 2f)

A maioria das construções com “nós” + P3 se dá, na fala de Vitória da Conquista – Ba, com verbo acusativo de 2 ou 3 lugares ou com verbo transitivo de 2 lugares com complemento oblíquo.

(0179) “As veiz **[nóis botava]** um cabaço num pneu e saia disgovernado ali brincano.”

(MCF, 2m)

(0191) “[**Nóis ia]** pra boate.” (MCF, 2m)

(0568) “[...] pensamos que **[nóis ia]** ter uma rua asfaltada [...]” (ETM, 1f)

Não se pode, então, justificar a concordância de “nós” com P3 a uma simples “intercambialidade existente entre as formas *nós* e *a gente*” (VIANNA; LOPES, 2003, p. 673), diante da quantidade significativa de ocorrências de “nós” + P3.

Ante a argumentação de que a saliência fônica é um fator relevante para a alternância pronominal, optamos por analisar os nossos dados quanto a este fator e obtivemos os seguintes resultados:

Tabela 12– Saliência fônica

	Nós	Nulo	A gente	Total
Esdrúxula	44 →39,3% (↓24,6%)	0	68 →60,7% (↓17,2%)	112 (↓18,9%)
Máxima	17 →65,4% (↓9,5%)	1 →3,8% (↓5,5%)	8 →30,8% (↓2,0%)	26 (↓4,4%)
Média	46 →39,3% (↓25,7%)	14 →12,0% (↓77,8%)	57 →48,7% (↓14,4%)	117 (↓19,7%)
Mínima	72 →21,3% (↓40,0%)	3 →0,9% (↓16,8%)	263 →77,8% (↓66,4%)	338 (↓57,0%)
Total	179 → 30,2%	18 → 3,0%	396 → 66,8%	593 100%

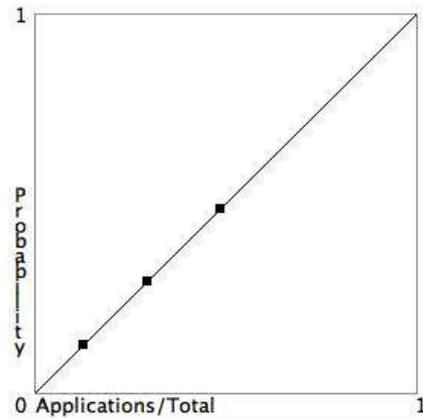
Na análise da Saliência Fônica verificamos que tanto “nós” (40,0%) quanto “a gente” (66,6%) são mais utilizados com verbos cuja saliência é considerada mínima; o sujeito nulo, porém, apresenta-se mais em verbos com saliência média 77,8%.

De acordo com Omena (1986) e Lopes (1998), quanto maior o grau de distintividade, menores as chances do uso de “a gente”. Entretanto os dados com verbos que possuem saliências média ou esdrúxula apresentam uma quantidade significativa de realizações de “a gente”. “nós” poderiam estar causando ruído. Desta forma analisamos separadamente os dados de “nós” e “a gente” implícitos e explícitos em relação a este grupo de fatores chegamos ao seguinte resultado:

Tabela 13

	Nós implícito	A gente implícito	Total	Peso Relativo
Mínima	5	37	41	0.294
Freqüência	11,9	88,1		
Máxima	3	1	4	0.902
Freqüência	75%	25%		
Media	8	8	16	0.755
Freqüência	50%	50%		
Exdruxula	6	10	16	0.649
Freqüência	37,5%	62,5%		

Qui-quadrado: 0.0000

Figura 3– A gente e nós implícitos / saliência fônica

Ao cruzarmos os fatores saliência fônica e tempo verbal, obtivemos os seguintes resultados:

Tabela 14– Saliência fônica X tempo verbal

Tempo	Presente	Pret. Perfeito	Pret. imperfeito	Futuros	Cond.	Formas nominais	Total		
Nós	ed	0	0	45	0	0	0	45	179
	mx	14	3	0	0	0	0	17	
	md	13	33	0	0	0	-	46	
	mn	64	0	0	2	0	5	71	
A gente	ed	0	0	67	0	1	0	68	400
	mx	7	0	0	0	1	0	8	
	md	47	9	0		1	0	57	
	mn	214	1	1	1	4	46	267	
Nulo	ed	-	-	-	-	-	-	-	18
	mx	1	-	-	-	-	-	1	
	md	1	13	-	-	-	-	14	
	mn	3	-	-	-	-	3		
Total	364	59	113	3	7	51		597	

É possível verificar na tabela 14 que a saliência esdrúxula acomete 100% das formas do pretérito imperfeito, que, por sua vez, abrange tanto o uso de “nós” quanto o de “a gente”. Os tempos presente e o pretérito perfeito, por apresentarem apenas um paradigma de morfemas (e não dois, como noutros tempos), com os valores modo-temporal e número-pessoal amalgamados, possuem, naturalmente, maiores casos de saliência mínima ou média. Verifica-se, assim, que o fator saliência fônica está altamente associado ao fator tempo verbal, podendo ser este, e não aquele, o responsável por favorecer o uso de uma ou outra forma pronominal.

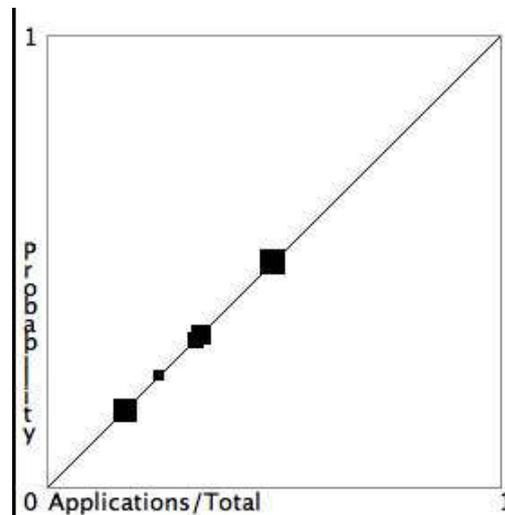
Na análise do fator Controle de referenteforam obtidos os seguintes resultados:

Tabela 15– Grau de determinação do referente

	Nós	Nulo	A gente	Total	Peso Relativo
Genérico e indefinido	22 →13,7% (↓12,4%)	1 →0,6% (↓5,6%)	138 →85,7% (↓34,5%)	161 (↓22,7%)	0.296
Genérico e definido	45 →34,1% (↓25,1%)	0	87 →65,9% (↓21,7%)	132 (↓22,1%)	0.525
Específico e definido (homens)	23 →27,7% (↓12,8%)	1 →1,2% (↓5,6%)	59 →71,1% (↓14,7%)	83 (↓13,9%)	0.509
Específico e definido (mulheres)	5 →17,9% (↓2,8%)	4 →14,3% (↓22,2%)	19 →67,9% (↓4,9%)	28 (↓4,7%)	0.411
Específico e definido (misto)	84 →43,5% (↓46,9%)	12 →6,2% (↓66,6%)	97 →50,3% (↓24,3%)	193 (↓32,3%)	0.684
Total	179 →30,0%	18 →3,0%	400 →67,0%	597 100%	

Qui-Quadrado: 0.0001

Figura 4–A gente e nós explícitos / referente



Na posição sujeito, em todos os referentes há a predominância do uso de “a gente”. Proporcionalmente, podemos notar que 34,5% das realizações de “a gente” compreendem o referente genérico indefinido, enquanto apenas 12,4% das ocorrências de “nós” remetem a este referente e 5,6% de sujeito nulo. Com o referente genérico definido, obtivemos uma porcentagem equivalente a 25,1% dentre os casos com o pronome “nós” e 21,7% das

construções de “a gente”. Por outro lado, 62,5% das realizações de “nós” possuem referente específico e definido (exclusivo homem, exclusivo mulher e misto), e 43,9% dos casos de “a gente” são de referente específico e definido. Com relação ao pronome nulo, é válido ressaltar que em quase sua totalidade, o seu referente é específico e definido. Assim, fica evidenciado que o pronome “nós” (62,5%) é mais utilizado em contextos de referente específico e definido e o pronome “a gente” (56,2%) é mais utilizado em contextos de referente genérico (definido e indefinido), corroborando as hipóteses de Omena (1986), Lemos Monteiro (1991) e Lopes (1996).

A respeito da influência do grau de determinação do referente na escolha dos morfemas de concordância verbal, os nossos dados vão de encontro com a hipótese trazida por Omena (1996), que afirma que os casos de referentes mais específicos e definidos favorecem o uso da desinência de 1ª pessoa do plural, independentemente se forma do sujeito pronominal é “nós” ou “a gente”, uma vez que todas as nossas construções com “a gente” concordam com a terceira pessoa. Ao analisarmos essa hipótese apenas com o pronome “nós”, detectamos que 34,6% dos casos de “nós” genérico e indefinido concordam com P4 e 65,4% concordam com P3. Já com o referente específico e definido 22,0% das realizações de “nós” concordam com P4 e 78%, com P3, indo de encontro, mais uma vez, aos resultados de Omena (1996).

(0489) “O que gera a violência é falta de imprego, falta de pulciamento bom na cidade, falta de varas coisas que **[nóis]** precisamos em Vitória da Conquista.” (ETM, 1f) – referente genérico e indeterminado

(0562) “Ele coleta o lixo e joga num vasilhão cá embaixo, é de carroça, aí a gente já levanta cedo, já tem os dia, a gente levanta a hora que levanta, na hora que **[(a gente)]** vai sai pro trabalho, bota o lixo pra fora na porta, aí ele ele, o carrocerero recolhe e bota no vasilhão.” (ETM, 1f) – referente genérico e determinado

(0181-0182) “**[A gente]** num pode tomém chegar e falar tomem não né? errar e **[a gente]** falá não, eu num tô mais do seu lado e virar as costa” (MCF, 2m) – referente específico e definido exclusivo homens

(0536) “Ontom **[nóis]** trabalhava, fazia qualqué coisinha assim pros outro pra ganhá uns trocadin.” (ETM, 1f) – referente específico e definido exclusivo mulheres

(0354) “**[Nóis]** luitemos com ele até na hora da morte dele né? nor não não saiu, eu trazia ele sempre trazia ele aqui na conquista no médico tornava levar e botar la dentro de casa

e nós ficava todo mundo ali, os filhos todo ali, rudiando, oiando ele até na hora que ele que ele que ele morreu.” (DRS, 3m) – referente específico e definido misto

Em síntese, verifica-se que o referente específico e determinado, [+perceptível] e [+determinado] é mais predominante entre os casos de “nós”, enquanto em situações cujo referente é mais indeterminado (genérico), com maior grau de impessoalidade usa-se mais “a gente”.

Como alguns trabalhos sociolinguísticos atribuem a mudança linguística aos fatores extralinguísticos sexo e faixa etária, verificamos se há, realmente, uma crescente linearidade no uso da forma “a gente”, configurando o espalhamento de uma possível mudança, que substitui “nós” por “a gente”.

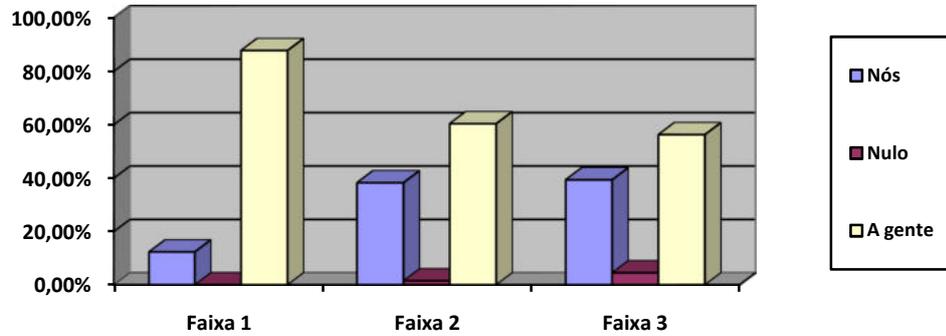
Tabela 16– Sexo X Faixa etária

		Nós	Nulo	A gente	Total
Faixa 1	Homem	14 →12,3% (↓35,6%)	0	100 →87,7% (↓56,2%)	114 (↓49,8%)
	Mulher	29 →25,2% (↓64,4%)	8 →7,0% (↓100,0%)	78 →67,8% (↓43,8%)	115 (↓50,2%)
Parcial – Faixa 1		43	8	178	229
Faixa 2	Homem	52 →38,2% (↓65,0%)	2 →1,5% (↓50,0%)	82 →60,3% (↓75,9%)	136 (↓70,8%)
	Mulher	28 →50,0% (↓35,0%)	2 →3,8% (↓50,0%)	26 →46,2% (↓24,1%)	56 (↓29,2%)
Parcial – Faixa 2		80	4	108	192
Faixa 3	Homem	44 →39,3% (↓78,6%)	5 →4,5% (↓83,3%)	63 →56,2% (↓55,3%)	112 (↓63,6%)
	Mulher	12 →18,7% (↓21,4%)	1 →1,6% (↓16,7%)	51 →79,7% (↓44,7%)	64 (↓36,4%)
Parcial – Faixa 3		56	6	114	176
Total		179 30,0%	18 3,0%	400 67,0%	597 100,0%

A tabela 16 nos mostra que na faixa 1, tanto homens quanto mulheres, dão preferência ao uso de “a gente”, sendo que somente as mulheres fazem uso do pronome nulo. Nessa faixa também as mulheres usam mais “nós” do que os homens. Na faixa 2, observamos que as mulheres utilizam mais a forma “nós” do que a forma “a gente” e que os homens apresentam um crescimento do uso de “nós”, ultrapassando a quantidade de ocorrências dessa forma na fala das mulheres. Na faixa 3, continua crescendo o uso de “nós” entre os homens, mas há um

decréscimo dessa forma entre as mulheres, que aumentam, elevadamente, o uso de “a gente”. Os gráficos abaixo permitirão uma melhor visualização desses percentuais.

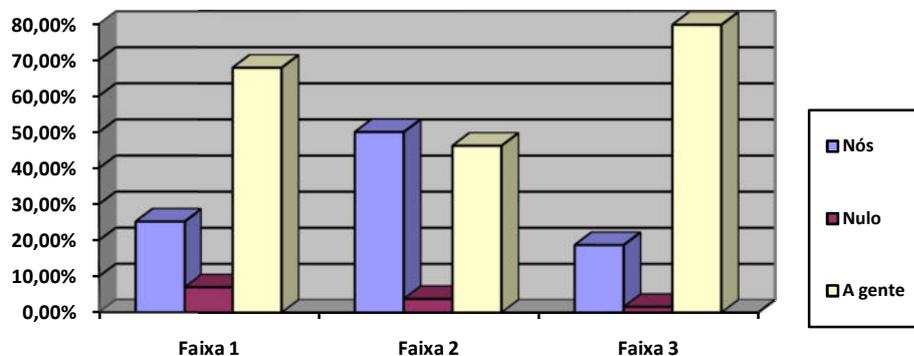
Gráfico 2 – Sexo X faixa etária - homens



É possível notar, a partir do gráfico apresentado, que há, na fala dos homens, uma linearidade no uso das 3 variantes: os mais velhos utilizam mais a forma tradicional “nós” do que os jovens, que preferem a forma inovadora “a gente”, o que configuraria, numa leitura sociolinguística, uma mudança em curso. Entretanto, entre os homens da faixa etária 3 (assim como das demais faixas), verificamos ainda um uso maior de “a gente” em detrimento de “nós”, o que vai de encontro à hipótese de Omena (1986) e Lopes (1998) de que os idosos dão preferência ao uso da forma tradicional.

Os dados apresentados na fala das mulheres são interpretados como o padrão de variação estável:

Gráfico 3– Sexo X faixa etária – mulheres



Há uma configuração curvilínea de “a gente” na fala das mulheres, em que a forma “a gente” apresenta um decréscimo de uso na faixa 2 e posterior elevação na faixa 3, elevação esta que supera o uso dessa forma na faixa 1. O fato de mulheres jovens e idosas possuírem índices mais altos do uso de “a gente” do que as falantes da faixa média também é verificado por Lopes (1998), entre os falantes cultos. Notamos ainda que o uso de “nós” é menor na faixa 3, contrariando a ideia de que as mulheres mais idosas dão preferência ao uso dessa forma. A forma tradicional é mais utilizada na faixa 2 e a forma inovadora aparece mais na faixa 3, não havendo subsídios suficientes para afirmar que haja mudança linguística.

Figura 5– A gente e nós explícitos / faixa etária

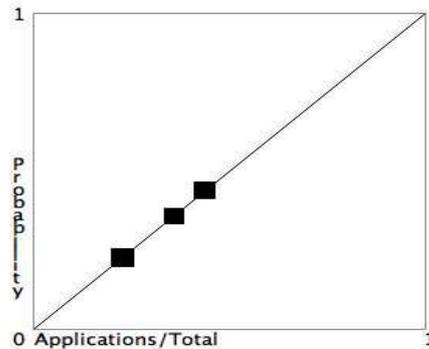


Figura 6– A gente e nós explícitos / sexo

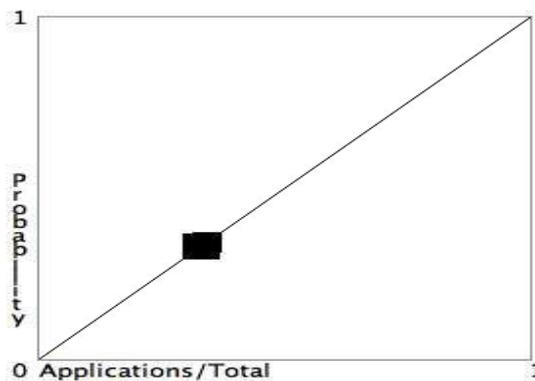
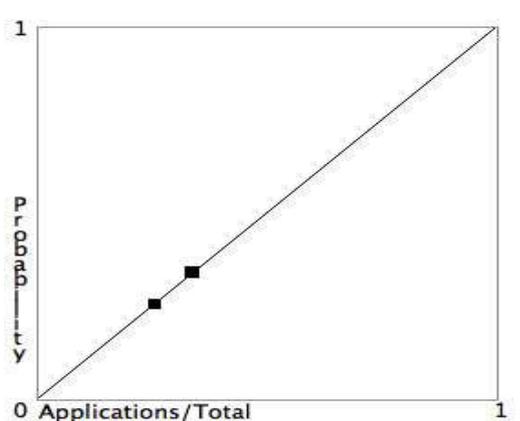


Figura 7– A gente e nós implícitos / sexo



6.2 “NÓS” E “A GENTE” EM ESTRUTURAS PREDICATIVAS

Lopes (1999), em estudos com falantes cultos, verificou que “a gente”, ao se gramaticalizar, comporta-se como os demais pronomes pessoais, apresentando-se subespecificado semanticamente quanto ao gênero formal, quando combinado com adjetivos no masculino e/ou no feminino, a depender do contexto extralinguístico. Dessa forma, Lopes (1999, Corpus do Projeto NURCRio) constatou que há apenas duas possibilidades de co-ocorrência de “a gente” em estruturas predicativas: masculino/singular – referente[misto], [genérico] ou [homens exclusivo] – e/ou feminino/singular – referente [mulheres exclusivo]. A concordância no plural somente foi encontrada quando o sujeito “nós” apresentava-se pleno ou nulo.

Para avaliar as estratégias de concordância nominal das formas “nós” e “a gente”, Vianna e Lopes (2003) publicam nos anais do V CELSUL o artigo *Nós e a gente na sincronia: correlação entre os traços formais e os semânticos-discursivos*. Esse trabalho parte da análise de dados de falantes com menor grau de instrução, do projeto Censo/Peul – RJ.

Além das possibilidades apresentadas por Lopes (1998) com falantes cultos, Vianna e Lopes (2003) encontraram outras estratégias para se referir à 1ª pessoa do discurso no plural: i) nós + P3, ii) a gente + P4 e iii) a gente + P6. Para as autoras, a concordância formal de “a gente” com P4 pode ser justificada pela hipótese de um certo isomorfismo ou correlação entre as propriedades formais e semântico-discursivas da forma “a gente”, entre os falantes com menor grau de escolaridade. Já a concordância de “a gente” com P6 é justificada pela pluralidade semântica peculiar a tal forma pronominal.

Vianna e Lopes (2003) encontram 4 estratégias de concordância de gênero e número com “nós” e “a gente”: i) FEM-SG, ii) FEM-PL, iii) MASC-SG, iv) MASC-PL, mas

ressaltam que há um predomínio do singular com “a gente” e do plural com “nós”. Verifica-se, pois, maior frequência da concordância no MASC-PL (55%) com a forma “nós”, mas um uso significativo do MASC-SG combinando com “nós” (34%). Já a forma “a gente” apresenta maior uso no MASC-SG (74%). Assim, entre os homens o masculino é categórico, e entre as mulheres pode haver possibilidades de variação.

Em nossos dados de concordância nominal, foram encontradas apenas 3 estratégias de concordância de gênero e número com “nós”: i) FEM-SG, ii) MASC-SG e iii) MASC-PL; e somente duas com “a gente”: iv) FEM-SG e v) MASC-SG, não sendo verificado o uso de feminino plural nessas construções predicativas da fala popular de Vitória da Conquista – Ba. Ainda no que concerne à concordância de número, encontramos 4 dados de estruturas predicativas com gênero neutro no singular (NTRO-SG).

Tabela 17– Estratégias de concordância de gênero e número com “nós” e “a gente”

	Nós	Nulo	A gente	Total
FEM-SG	1 →16,7% (↓3,8%)	0	5 →83,3% (↓24,0%)	6 (11,5%)
FEM-PL	0	0	0	0
MASC-SG	18 →47,4% (↓69,2%)	2 →5,2% (↓100%)	18 →47,4% (↓72,0%)	38 (↓73,1%)
MASC-PL	5 →100% (↓19,2%)	0	0	5 (↓9,6%)
NTRO- SG	2 →66,7% (↓7,7%)	0	1 →33,3% (↓4,0%)	3 (↓5,8%)
Total	26 → 50%	2 → 1,9%	25 → 48,1%	52 100%

Os dados apontam uma diferença significativa em relação às estratégias de concordância com “nós”, visto que há predominância do seu uso com o MASC-SG (69,2%), sendo apenas 19,2% de co-ocorrências com o MASC-PL; resultados opostos aos que foram observados por Vianna e Lopes (2003), também com falantes de menor grau de escolaridade. Vale ressaltar que a construção de “nós” com gênero neutro também se encontra no singular. Já o “a gente” mantém-se categoricamente no singular, tanto no masculino (72,0%), quanto no feminino (24,0%) e até mesmo com gênero neutro (4,0%).

(0383) “[Nóis] eh já era [véi].” (DRS, 3m)

(0681) “[a gente] era [piqueno].” (IJG, 2f)

(0592) “Todos aceita porque [somo] todo [católico], todos ni minha família é católico.” (ETM, 1f)

(0565) “[Nóis] ficô muito [alegre].” (ETM, 1f)

Lopes (1999) afirma que o fato de “a gente” pressupor “o falante e mais alguém”, ou seja, de haver uma noção de pluralidade intrínseca a essa forma, pode-se acarretar em várias possibilidades interpretativas ao se estabelecer a concordância com adjetivo em estruturas predicativas. Segundo a autora, a combinação com formas no feminino singular e/ou plural são restritas, geralmente atribuídas a falantes do sexo feminino, porém com o masculino a interpretação é mais neutra, podendo o referente ser do sexo masculino ou misto ou, até mesmo, abrangente. Essa afirmação se confirma através dos nossos dados, pois todos os falantes que realizaram construções no FEM-SG foram do sexo feminino. Nas construções com MASC-SG, 61,1% foram realizadas por homens e 38,9% por mulheres; os casos de MASC-PL registados foram realizados apenas por falantes homens. Assim, constatamos que as mulheres podem utilizar construções em estruturas predicativas no feminino, o que jamais acontecem na fala dos homens.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo de uma interpretação diferenciada a respeito da Mudança Linguística, propusemos este trabalho na tentativa de buscar subsídios que sustentassem a nossa hipótese de variação estável na alternância pronominal nós/ a gente, pressupondo que a mudança profunda que afeta a flexão verbal (argumento bastante utilizado pela literatura para justificar a “substituição” das formas pronominais) pode estar associada à natureza da concordância e não à inserção de formas pronominais que substituirão formas “tradicionais”. No caso da alternância nós/ a gente concluímos que as duas formas coexistem em uma mesma gramática, podendo haver fatores linguísticos que favoreçam o uso de uma ou outra forma.

Ante às análises de possíveis fatores que possam influenciar a escolha dos falantes ao uso de “nós” ou de “a gente”, pudemos constatar que, na posição sujeito, alguns deles possuem pouca influência no fenômeno considerado, já que, em ambas as formas (nós/a gente), não há diferenças significativas para uma ou outra realização. Na Explicitude do sujeito, verifica-se a preferência pelo sujeito explícito tanto com a forma “nós”, quanto com a forma “a gente”; o Tipo de verbo mais comum nas construções das três variantes (Nós, nulo e a gente) é o verbo acusativo, assim como o Tipo de predicado mais utilizado é o predicado simples. Observamos, porém, um favorecimento do uso de “nós” nos verbos copulativos e estruturas predicativas e de “a gente” nos predicados complexos modo-temporais. O predicado “outros” (“Tem que”) e o predicado formado por verbo condicional também favorecem o uso de “a gente”.

No fator Tempo verbal, a distribuição/proporção dos tempos no uso das formas (“nós” e “a gente”) é bastante semelhante. Apenas o pretérito perfeito favorece o uso de “nós” e as formas nominais são condicionantes ao uso de “a gente”. O sujeito nulo só ocorre no presente e no pretérito perfeito, formas que, segundo Villalva (2003), possuem os traços de tempo, modo, aspectos, pessoa e número amalgamados no único morfema flexional. O tempo futuro não foi produtivo nos dados e a sua baixa frequência pode ser consequência da natureza “narrativa” das entrevistas, em que os informantes relatam situações já vividas por eles mesmos ou por terceiros, sendo tendencioso o uso dos tempos no presente e no passado.

No modo verbal, as três variantes são mais utilizadas no modo indicativo. O infinitivo e o gerúndio, porém, favorecem a forma “a gente”, conforme já havia sido constatado na análise do tempo verbal (formas nominais). Quanto à concordância verbal, há um uso relevante do morfema de terceira pessoa do singular Ø, tanto para o pronome “a gente”, como

já era esperado, quanto para o pronome “nós”, diferindo, de maneira geral, dos resultados exibidos pela literatura até o momento. O sujeito nulo, naturalmente, apresenta concordância com P4. A concordância de “nós” com P6, encontrada em nossos dados, pode ser justificada pelo fato de haver uma inversão na ordem sintática da frase, fazendo com que o verbo concorde com o predicativo e não com o sujeito.

Na análise da Saliência Fônica verificamos que tanto “nós” (40,0%) quanto “a gente” (66,6%) são mais utilizados com verbos cuja saliência é considerada mínima; o sujeito nulo, porém, apresenta-se mais em verbos com saliência média 77,8%. Contextos de saliências máxima e média são favorecedores ao uso da forma pronominal “nós”, enquanto os contextos de saliência mínima favorecem o uso de “a gente”. Na intersecção Tempo verbal X Saliência fônica, é possível verificar que a saliência esdrúxula acomete 100% das formas do pretérito imperfeito, que, por sua vez, abrange tanto o uso de “nós” quanto o de “a gente”. Os tempos presente e o pretérito perfeito, por apresentarem apenas um paradigma de morfemas (e não dois, como noutros tempos), com os valores modo-temporal e número-pessoal amalgamados, possuem, naturalmente, maiores casos de saliência mínima ou média. Verifica-se, assim, que o fator saliência fônica está altamente associado ao fator tempo verbal, podendo ser este, e não aquele, o responsável por favorecer o uso de uma ou outra forma pronominal.

O Controle do referente permite concluir que, em todos os referentes há a predominância do uso de “a gente”. Porém, o pronome “nós” (62,5%) é mais utilizado em contextos de referente específico e definido e o pronome “a gente” (56,2%) é mais utilizado em contextos de referente genérico (definido e indefinido). Sendo assim, o referente específico e determinado, [+perceptível] e [+determinado] é mais predominante entre os casos de “nós”, enquanto em situações cujo referente é mais indeterminado, com maior grau de impessoalidade usa-se mais “a gente”.

No que se refere à estratégias e concordância em estruturas predicativas, notamos que há uma predominância do uso de “nós” com o MASC-SG (69,2%), sendo apenas 19,2% de co-ocorrências com o MASC-PL. Já o “a gente” mantém-se categoricamente no singular, tanto no masculino (72,0%), quanto no feminino (2,04%) e até mesmo com gênero neutro (4,0%). As construções com MASC foram realizadas tanto por homens quanto por mulheres, porém em todas as construções com FEM, o falante era uma mulher. Assim, constatamos que as mulheres podem utilizar construções em estruturas predicativas no feminino, o que jamais acontece na fala dos homens.

Quanto aos fatores extralinguísticos verificamos que as amostras da faixa 1 (até 30 anos), tanto homens quanto mulheres, dão preferência ao uso de “a gente”, sendo que somente as mulheres fazem uso do pronome nulo. Nessa faixa também as mulheres usam mais “nós” do que os homens. Na faixa 2, as mulheres utilizam mais a forma “nós” do que a forma “a gente” e os homens apresentam um crescimento do uso de “nós”, ultrapassando a quantidade de ocorrências dessa forma na fala das mulheres. Na faixa 3, continua crescendo o uso de “nós” entre os homens, mas há um decréscimo dessa forma entre as mulheres, que aumentam, elevadamente, o uso de “a gente”. Isso revela que os homens mais velhos utilizam mais a forma tradicional “nós” do que os mais jovens, já entre as mulheres verificamos uma configuração curvilínea de “a gente”, em que a forma “a gente” apresenta um decréscimo de uso na faixa 2 e posterior elevação na faixa 3, elevação esta que supera o uso dessa forma na faixa 1. A forma “nós” é mais utilizada na faixa 2 e a forma “a gente” aparece mais na faixa 3, não havendo subsídios suficientes para afirmar que a variação nós e a gente na FPVC é uma manifestação de competição de gramáticas.

Assim, entendemos que “nós” e “a gente” são formas que coexistem em uma mesma gramática (PB), ou seja, não estão em competição entre si, no sentido delineado por Kroch (1994). Consideramos que a variação encontrada não revela uma previsão de substituição de “nós” por “a gente”, conforme sugerem alguns trabalhos, mas argumentamos que pode haver uma mudança profunda nas expressões de AGR – a alteração nos traços de AGR pode ter causado mudança em alguns traços dos pronomes no PB. Não vemos uma competição entre os pronomes “nós” e “a gente”, mas, possivelmente, entre as possibilidades de combinação dos traços de pessoa, número e caso – uma competição entre um sistema que gera os pronomes “Nós” e “A gente” marcados como nominativos, primeira **pessoa do plural** (*Nós/A gente vamos; Ele nos entregou a carta*), e outro sistema que gera “Nós” e “A gente” α marcados para Caso, primeira **pessoa coletiva**: *Nóis/A gente vai; Ele entregou a carta pra gente/nóis*. Assim, a mudança não estaria relacionada à substituição de um pronome por outro, mas aos valores dos traços de número em AGR, somados à competição dos valores de traços de Caso e número no sistema pronominal.

REFERÊNCIAS

- ANTONINO, V; BANDEIRA, M. *Nós, a gente e a concordância em uma comunidade afro-brasileira isolada. Pápiá*, São Paulo, n. 21, v. 1, p. 159-176, 2011.
- BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005.
- BORTONI-RICARDO, S.M. *The urbanization of rural dialect speakers—a sociolinguistic study in Brazil*. University Press: Cambridge, 1985.
- CARVALHO, D. *A estrutura interna dos pronomes pessoais em português brasileiro*. Maceió-AL, 2008. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Alagoas, 2008.
- CHOMSKY, N. (1979). *Principles and parameters in linguistic theory*. Cambridge (MA). MIT Press, 1979.
- CALLOU, D.; BARBOSA, A.; LOPES, C. O Português do Brasil: polarização sociolinguística. In: CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A.; MATTOS e SILVA, R. V. (orgs.). *Quinhentos anos de história linguística do Brasil*. Salvador: Secretaria de Cultura e turismo, Coleção Apoio, 2006. p. 261-292.
- CARDINALETTI, Ana e STARKE, Michal. (1999). The typology of structural deficiency: A case study of three classes of pronouns. In: *Clitics in the languages of Europe*. Henk Van Riemsdijk (ed.). W de G.
- CINTRA, L. F. L. *Sobre “Formas de Tratamento” na Língua Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte/Coleção Horizonte 18, 1972.
- COELHO, R. *É nós na fita! Duas variáveis linguísticas numa vizinhança da periferia paulistana*. São Paulo, 2006. 175f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP.
- DUARTE, M. E. L. (1993). Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Orgs.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p. 107-128.
- FERNANDES, E.; GORSKI, E. A concordância verbal com os sujeitos *nós e a gente*: um mecanismo do discurso em mudança. *Actas do Simpósio sobre a Diversidade Linguística no Brasil*. Salvador: Instituto de Letras da UFBA, 1986, 175-183.
- GALVES, C. Apresentação: Variação e Gramática Gerativa. *Estudos da língua(gem): estados diacrônicos e sincrônicos da Língua Portuguesa*, Vitória da Conquista, v. 8, n. 1, p. 5-13, 2010.
- GALVES, C. O papel das línguas africanas na formação do português brasileiro: (mais) pistas para uma nova agenda de pesquisa. In: *Gragoatá*, Niterói, n. 24, p. 145-164, 1. sem. 2008

GALVES, C. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS, I. e KATO, M. A. (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993, p. 387-408.

GALVES, C. A sintaxe do português brasileiro. *Ensaio Linguísticos*. 13, 1987, p. 31-50.

GALVES, C; FERNANDES, F. R. Morfologia e sintaxe. In: *Introdução às ciências da Linguagem: a palavra e a frase*. GUIMARÃES, E.; ZOPPI-FONTANA, M. (orgs.). Campinas, SP: Pontes, 2006. p. 75-109.

GALVES, C.; PAIXÃO DE SOUSA, M. C.; NAMIUTI, C. Novas perspectivas para antigas questões: revisitando a periodização da língua portuguesa. In: ENDRUSCHAT, A.; KEMMLER, R.; SCHÄFER-PRIEB, B. (orgs.) *Grammatische Strukturen des europäischen portugiesisch*. Tübingen: Calepinus Verlag, 2006. p. 45-74.

KATO, M.A. Variação e mudança no português brasileiro: problemas de aquisição. *A cor das Letras*, Feira de Santana - BA, n. 3, p. 157-177, dez. 1999.

KROCH, A. (2001). *Mudança Sintática*. Trad. Sílvia Regina Cavalcante. São Paulo: Ed. UNICAMP, 2003.

_____. Morphosyntactic Variation. In: BEALS, K. et al. (eds.) *Papers from the 30th Regional Meeting of the Chicago Linguistics Society: Parasession on Variation and Linguistic Theory*, 1994. p. 1-23.

_____. *Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change*. *Language Variations and Change*, v.1, p. 199-244, 1989a.

_____. *Function and Grammar in the History of English: Periphrastic 'do'*. In: *Language Change and Variation*. Edited by Ralph Fasold. Amsterdam: Benjamins. 1989b.

LEMOS MONTEIRO, J. *Pronomes pessoais: subsídios para uma Gramática do português do Brasil*. Fortaleza: Edições UFC, 1994.

LEMOS MONTEIRO, J. *Os pronomes pessoais no português do Brasil*. Tese de Doutorado, UFRJ, 1991.

LIGHTFOOT, D. (1999). *The development of language: Acquisition, change, and evolution*. Malden: Blackwell/Maryland lectures in language and cognition.

LOPES, C. R. dos S. O quadro dos pronomes pessoais. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (orgs.). *Morfossintaxe e ensino de Português: reflexões e propostas*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, 2004. p. 151-178.

LOPES, C. R. dos S. *A inserção de "a gente" no quadro pronominal do português*. Madrid: Iberoamericana, 2003.

LOPES, C. R. dos S. De gente para a gente: o século XIX como fase de transição. In: ALKMIM, T. M. (Org.). *Para a História do Português Brasileiro – Novos Estudos*. São Paulo: Humanitas /FLP/USP, 2002, p. 25-46.

LOPES, C. R. dos S. *A inserção de a gente no quadro pronominal do português: percurso histórico*. Rio de Janeiro, 1999. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

_____. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. *DELTA*, São Paulo, v. 14, n. 2. p. 405-422, 1998.

_____. Nós por a gente: uma contribuição da pesquisa sociolinguística ao ensino. In: CARDOSO, S. A. M. (org.). *Diversidade Linguística e Ensino*. Salvador: EDUFBA, 1996. p. 115-123.

_____. *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*. Rio de Janeiro, 1993. 189 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – UFRJ.

MARTINS, M. A. Variação e mudança na sintaxe como competições de gramática. *Revista Investigações*, Recife - PE, v. 22, n. 2, p.65-87, Julho/2009.

MARTINS, A. M. (2002). Mudança sintática e história da língua portuguesa. In: *História da Língua e História da Gramática*. Actas do Encontro. Coleção Poliedro 11. Universidade do Minho. Centro de Estudos Humanísticos. Braga 2002.

MENDONÇA, A. K. *Nós e a gente em Vitória: análise sociolinguística da fala capixaba*. Vitória, 2010, 100f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Pós-graduação em Estudos Linguísticos do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo.

NAMIUTI, C. *Aspectos da história gramatical do português. Interpolação, negação e mudança*. Campinas: UNICAMP, 2008. 309f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

NARO, A. J.; GÖRSKI, E.; FERNANDES, E. Change without change. *Language Variation and Change*, v. 11, n. 2, 1999, p. 197-211.

NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. *Origens do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

OMENA, N. P. de. A referência variável da primeira pessoa do discurso no plural. In: NARO, A. *et all. Relatório final de pesquisa: projeto subsídios do projeto censo à educação*. Rio de Janeiro, UFRJ, v.2, p. 286-319, 1986.

OMENA, N. P. de. As influências sociais na variação entre nós e a gente na função de sujeito. In: OLIVEIRA e SILVA, G. M.; SCHERRE, M.M.P. *Padrões sociolinguísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 309-323.

PAIVA, M. da C. A. de.; DUARTE, M. E. L. Quarenta anos depois: a herança de um programa na sociolinguística brasileira. In: WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da sociolinguística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo, 2006. p.131-151.

- PAIXÃO DE SOUSA, M. C. Linguística Histórica. In: NUNES, J. H.; PFEIFFER, C. (orgs.). *Introdução às ciências da linguagem: linguagem, história e conhecimento*. Campinas, SP: Pontes, 2006.
- PEREIRA, S.M.B. *Gramática Comparada de a gente: variação no Português Europeu*. Lisboa, 2003. 100f. Dissertação (Mestrado em Gramática Comparada) – Universidade de Lisboa.
- ROBERTS, I. O português brasileiro no contexto das línguas românicas. Trad.: Ruth Lopes. In: Roberts, I.; Kato, M. (orgs) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. Unicamp, 1993, p. 409-425.
- ROBERTS, I.; ROUSSOU, A. A. Formal Approach to Grammaticalisation. *Linguistics*, 37: 1011-1041, 1999.
- RODRIGUES, A.C.S. *A concordância verbal no português popular em São Paulo*. São Paulo, 1987. 189 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP.
- RUBIO, C.F. *Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e europeu: estudo sociolinguístico comparativo*. São José do Rio Preto, 2012. 393f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista.
- VIANNA, J.B.S. *Semelhanças e diferenças na implementação de a gente em variedades do português*. Rio de Janeiro, 2011. 235f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, UFRJ.
- VIANNA, J. B. de S.; LOPES, C. R. dos S. Nós e a gente na sincronia: correlação entre os traços formais e os semântico-discursivos. *Anais do V CELSUL*, Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul, Curitiba, UFPR, p. 671-676, 2003.
- VILLALVA, A. 22. Estrutura Morfológica básica. In: Gramática da Língua Portuguesa. Orgs: M. H. M. Mateus et al. Ed. Caminho. Lisboa, 2003.